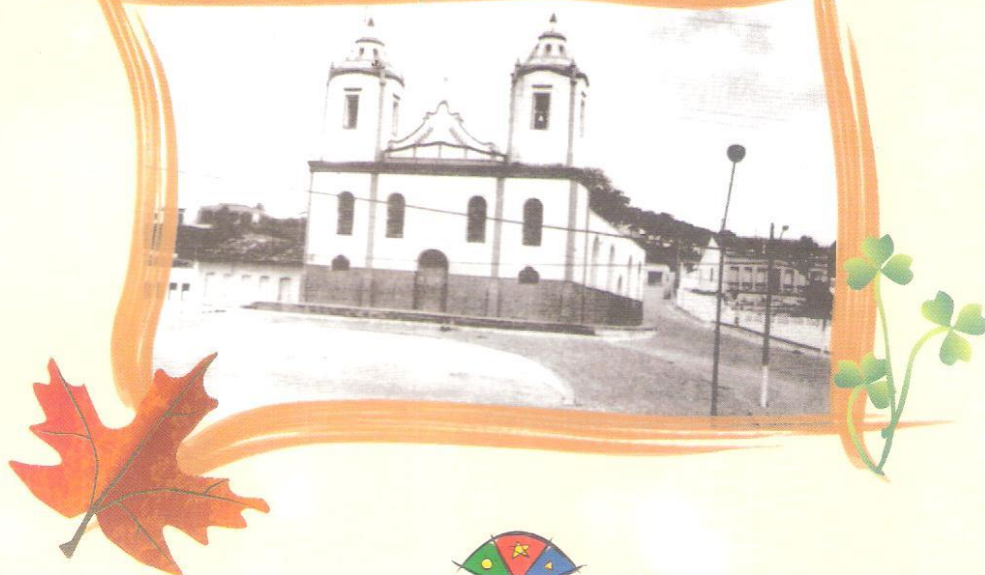


*Reminiscências  
de  
Bom Conselho*



*Gildo Dantas de Souza*

GILDO DANTAS DE SOUZA

REMINISCÊNCIAS  
DE  
BOM CONSELHO

DEDICATÓRIA:

Dedico aos meus Pais (in memorian), rogando a Deus que lá no assento etéreo para onde os chamou lhes conceda a paz eterna e a bem-aventurança merecidas aos justos, que em vida souberam honrar com bons exemplos a sua família, o seu próximo e a Deus.

À minha esposa, companheira incondicional na jornada que empreendemos ao longo da vida e que nenhuma circunstância faltou-me com seu estímulo, carinho e abnegação, quer nos percalços, fosse nas vitórias, sempre com brilho de esperança nos olhos e com infinito amor no coração, dedico esta singela obra, que é sem dúvida a manifestação de minha admiração e amor por quem me deu sentido à vida e plenitude existencial.

Aos meus filhos, a quem Deus em sua sublime onipotência concedeu o milagre de tê-los e a prerrogativa de criá-los, educá-los e os encaminhar na vida, dentro dos preceitos de dignidade e fé cristã, dedico esta obra, que é também fruto do estímulo que todos me têm proporcionado com carinho e admiração.

Dedico ainda a todos aqueles que direta e indiretamente colaboraram na árdua tarefa de coligir essência para a elaboração deste modesto trabalho.

## P R Ó L O G O

As tradições, as lendas e o folclore de um povo são partes intrínsecas de sua história; são fatos pitorescos de uma época e, quando não registrados devidamente vão fatalmente desaparecer pouco a pouco pela voragem do tempo, principalmente porque a geração protagonista desses acontecimentos, por decorrência natural da vida, já passou quase toda para a mansão da boaaventurança e o que restar de tudo vai sendo relegado a ínfimo interesse pela preservação das tradições daquela gente.

Foi, portanto, na pacata cidade de Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, Estado da Bahia, que tiveram curso os fatos aqui relatados, os quais se situam entre o início do século XX até meados da década de 60. Tudo o que for dito são casos verídicos naturalmente entremeados da fantasia popular, que mostra o lado belo de intrepidez, humorismo e ingênua simplicidade de um povo sofrido, porém feliz e sonhador. Assim, sem nenhuma pretensão de fazer aqui comentários aleivosos, irreverentes ou irreais que possam por fortuita infelicidade, enodoar a memória daqueles a quem fizemos referência. Ao contrário disto, o nosso intuito se restringe apenas à busca daquilo que de certa forma apresentou relevância na consolidação do modo de vida daquela sociedade. Esperamos assim com essa incursão ao passado, ter podido contribuir, mesmo humildemente, com algum conhecimento que possa ser útil para os pósteros e porvindouros e que possamos de certa forma perpetuar o cabedal folclórico e belo de uma gente que tem em suas características a fortaleza inabalável do sertanejo colonizador; tem em si, o denodo do herói, a paciência dos Santos, a humildade dos apóstolos e a sabedoria dos deuses.

## ANTECEDENTES

Foi ainda no século XVII, quando aventureiros e exploradores demandaram do litoral para os sertões, embalados sobre tudo pelos sonhos aurifulgentes dos faiscadores, que encontraram nas cercanias dessa região os habitantes da terra, os nativos da tribo dos Kiriris. Esses índios viviam ainda em estado de civilização nativa, moravam em palhoças toscas e a sua alimentação básica provinha da caça e da coleta de frutas, raízes, mel e de tudo aquilo que as circunstâncias lhes permitissem obter.

Falavam a língua Tupi, mesclada com o dialeto próprio de sua gente. Suas vestimentas resumiam-se a uma simples tanga e demais adornos, tais como colares, brincos, cocares, etc., além das pinturas corporais. A religião que praticavam era o tradicional " Culto à Natureza ", com suas lendas, mitos e tabus. Não eram totalmente sedentários. Em face de escassez de mananciais, que propiciassem a estes silvícolas uma maior estabilidade, eram eles obrigados a emigrarem temporariamente, nas épocas de estiagem, para lugares mais úberes que lhes pudessem suprir as necessidades básicas, até que a carência de víveres fosse superada na sua localidade natal.

Nessa época, então, seguindo as trilhas deixadas pelos exploradores missionários também iniciavam incursões aos sertões da Bahia e aportavam às terras dois Kiriris, quando teve início o catequese do povo.

Deste modo, com a presença cada vez mais constante dos bandeirantes e missionários na interiorização do estado, não tardou também que salteadores e malfeitores engendrassem corjas e se instalassem na região, que se tornou um entreposto de quantos transitavam por ali à casta de seus objetivos. Assim, as tropelias desta gente se tornavam tão notórias que até o cemitério passou a existir ali (Cemitério da Cacunéa), onde se recolhiam os restos mortais das vítimas dos facínoras que já despontavam simultâneos com o alvorecer da colonização.

Já em 1812, cumprindo determinação do Arcebispo da Bahia, frei Apolônio de Toddi foi incumbido de prestar assistência religiosa e espiritual a essa gente, a fim de minorar aquelas delinqüências e também de manter a presença da igreja no interior. Tão logo aportou à região, frei Apolônio fez contato com dona Cacunéa, antiga moradora, e, imediatamente, onde havia o velho cemitério, erigiu uma cruz e celebrou a sua primeira missa, assistida pelos moradores locais e da circunvizinhança, como também por muitos indígenas. Sem perda de tempo, com a ajuda de todos os moradores, deu-se início à construção de uma capela, cujo Orago, mandado esculpir na capital, foi entronizado com o nome de Nossa Senhora do Bom Conselho do Montes do Boqueirão, denominação oficializada através do alvará de 21 de julho de 1817.

O povoado, de início sem expressão, foi vagarosamente se desenvolvendo graças ao trabalho constante e pertinaz da catequese, imprimido com afinco e fé pelos religiosos, o que proporcionou maior fixação do homem à terra, pois as vias de comunicação começaram a se expandir e o fluxo de pessoas na região passou a ser mais significativo.

Por força da resolução provincial nº1518, de 9 de junho de 1875, o povoado foi elevado da categoria de Vila à Município de Bom Conselho e, através da Lei Estadual nº1.109, de 21 de agosto de 1915, Bom Conselho já aparece com o nome de Cícero Dantas, denominação que conserva até nossos dias.

Esse Município fica localizado na zona fisiográfica do nordeste da Bahia e limita-se ao Norte com o município de Antas; ao Sul, com Ribeira do Amparo e ribeira do Pombal; a Leste com Paripiranga, Nossa Senhora de Fátima e Poço Verde (município de Sergipe); e a oeste, com Euclides da Cunha e Quinjingue.

A sede municipal a 400 metros de altitude está situada à margem esquerda do rio Real, distando da capital do Estado 266 quilômetros em linha reta.

A sua área primitiva de 1685 quilômetros quadrados, encontra-se reduzida a pouco mais de 700 quilômetros quadrados em consequência do desmembramento para a formação dos municípios de Antas e N. S. de Fátima.

O município conta hoje, além da sede municipal, com os distritos de Fortaleza de São João, Betânia, Caxias e com os povoados de Serra Grande, Lagoa do Nolasco, Ilha, Trindade e Campinas.

A sua orografia é de pouca expressão e as elevações a que podemos dar realce são as serras do Baiacu, Boqueirão, Rabo D'Arraia, Serra Grande e do Capim.

A hidrografia é muito pobre e contamos apenas com o rio Real, que limita as terras entre Sergipe, Bahia e o rio Tubarão, ambos cíclicos enquanto perlonga através do município.

Suas terras são de formação sedimentar, com predominância do massapê e terrenos argilosos nas regiões da caatinga e cerrado, sendo argilo-silicoso nos tabuleiros. A sua fauna outrora abundante encontra-se hoje em vias de extinção em face da caça predatória e da destruição desordenada dos "habitats" naturais, em consequência do desmatamento quase que total.

Na década de 40, a antiga vila de N. S. do Bom Conselho já havia sido elevada a categoria de cidade e foi nesta época que eu e minha família viemos residir nesta comunidade, que, de acordo com o censo demográfico de 1950, contava com uma população de 1.596 habitantes. Foi em contato com esse ambiente, vivendo o seu dia-a-dia, que aprendi a valorizar as coisas da terra; coisas simples que fizeram a história dessa gente, da qual sou parte integrante e disto me orgulho em saber que aqui também é a terra de minha esposa e filhos e de quantos amigos adquiri em minha trajetória por essa sociedade.

#### AS SECAS EM BOM CONSELHO

Conforme já foi referido em capítulo anterior, a escassez de chuvas que se caracteriza como "Seca" relativamente prolongada, sempre representou uma espécie de fantasma climático que a todos persegue, aflige e sufoca, hoje menos que outrora, pois os recursos técnicos e científicos modificaram muito aquilo que fora dantes a região que contava apenas com a clemência de Deus, já que a imprevidência dos homens, marcada por um inconformismo atávico, deixava-se abater pelo infortúnio, vezes até a exaustão de suas forças e recursos.

Era um quadro patético e comovedor que se desdobrava às nossas vistas, nas décadas da primeira metade do século, quando se abatia prolongada a seca na região. Depois que o sol crestava impiedosamente a vegetação, as matas, as caatingas, os tabuleiros e as pastagens sucumbiam rápidas ao rigor da canícula, restando apenas uma cinzenta devastação silenciosa dos campos talhados, que mais pareciam mortos. A fauna que é uma consequência da flora, nestes períodos desaparecia quase que totalmente. De início a escassez de água e alimento chegavam primeiro para o criatório

animal, que extintas as pastagens e exauridas as fontes da água que já não eram bastante, em tempos normais, o sertanejo tinha que buscar alternativas em outras paragens menos castigadas pela estiagem. Depois, a carência de recursos se estendia ao homem; sua reservas minguavam pouco a pouco até sua total exaustão, quando o rurícola tinha que fugir dali, buscando alhures a sua sobrevivência, deixando para trás um pedaço de si em suas terras despovoadas, para onde volvia tão logo a abundancia voltasse com a retomada das chuvas.

Em meio a essa desolação, de repente, um dia qualquer de outono, nublava-se o Céu, adensavam-se as nuvens, uma aragem fresca começava a soprar, vinda do litoral, e então era o prenuncio das trovoadas. A princípio uma chuvinha miúda que, com o ribombar de trovões e relampaguear de raios, se transformava em aguaceiro tempestuoso. Não tardava muito e as enxurradas se avolumavam, se adensavam, adunando-se com águas correntes das fraldas das serras, e, impetuosas, deslizavam celebres em busca dos baixios e dos riachos temporários que já tardos gemiam num transbordar inevitável. Era a fortuna que voltava à terra; era a esperança que se renovava nos corações dos sertanejos; era a ressurreição da vida no sertão sofrido.

Dias depois, era difícil se acreditar que a terra houvesse operado tamanho milagre, recompondo-se em tempo exíguo, com toda a pujança e beleza, daquela refrega há pouco passada. As árvores anosas refrondesciam viçosas, engrinaldadas pelo colorido das flores que brotavam da fiação dos cipós e das heras; os arbustos se revestiam vivazes de folhedos tenros e balouçavam alegres seus ramos ao sopro ameno da viração; a vegetação rasteira atapetava o solo num colorido esmeráldico, que nem de longe lembrava mais o raquitismo insólito das quadras rigorosas do verão. A fauna ressurgia vigorosa e variada e a sinfonia das matas voltava a ser ouvida através do trinado das aves canoras, do piar da coruja, do arrulho das pombas, do gemer tristonho da juriti, do crocitar das rapinantes, do tilintar de maxilas dos caetitus em busca dos banhados, do regougar das raposas, do silvar das serpentes, enfim, do guincho de todos os animais que em naturais acordes enchiam de melodia enternecedora a natureza eterna e dadivosa.

Assim, eram invadidos o coração daquela gente de esperanças amenas e apagavam-se da lembrança as agruras vividas, as quais passavam a ser página virada no implacável livro da existência. Hoje, em que pese a devastação da flora e da fauna na região haver ocorrido de forma quase que total, não havendo mais aquela ressurreição festiva dos campos após o estio, as adversidades climáticas inda perduram, porém, menos rigorosas, pois com o advento de novas tecnologias o homem aprendeu a amenizar os seus efeitos e já convive com elas, de certo modo menos apreensivo e mais confiante. Dessa forma, o sertanejo continua a tanger a vida que lhe espezinha mas também lhe embala os sonhos aurifulgentes, porém quase sempre quiméricos e falazes.

## A FESTA DE AGOSTO

Cícero Dantas, como todas as cidades interioranas, principalmente até a metade do século XX, era dominada por um atraso crônico, fruto de uma mentalidade tacanha, inequívoco resquício dos tempos do coronelismo, quando abundavam o desemprego e o analfabetismo.

A gente simples daquela época não tinha muitos sonhos; era conformista e fatalista; reputava tudo o que acontecia, de bom ou de mal, aos desígnios de Deus e, por isto, nada fazia para mudar os rumos dos acontecimentos. A rotina só era quebrada no dia da feira popular (segunda feira), para onde convergiam os moradores da cidade, dos povoados e da zona rural, para ali se abastecerem de gêneros de primeira necessidade e se encontrarem com amigos e compadres, ou simplesmente pedir algum favor aos chefes políticos quando não era prestar queixa ao delegado de polícia sobre alguma demanda, muitas vezes insignificante, com algum vizinho.

Dessa forma, essa população vivia feliz no seu trabalho cotidiano, cuja monotonia só se desfazia quando da realização de algum evento que ali ocorria, como seja: a Festa de Agosto, a principal de todas, além das festas do Ano Bom, Carnaval, Quaresma e outras.

A Festa de Agosto, comemorada no dia 15, em homenagem a padroeira da cidade Nossa Senhora do Bom Conselho, embora hoje já descaracterizada pela modernidade que lhe tirou aquele aspecto, misto de religiosidade e de folclore, era naqueles tempos, o acontecimento de maior relevância para o povo da região e dos municípios circunvizinhos.

A época da realização da festa coincidia com o final da colheita e, por este motivo, todos tinham dinheiro para comprar roupas novas e gastar com alguma coisa supérflua. A festa propriamente dita durava dois dias; na verdade porém, as comemorações começavam já com a chegada da banda de pífaros, vinda do povoado de Fortaleza de São João, para acompanhar as novenas e desfilar pelas ruas da cidade, como um arauto dos acontecimentos, desde a alvorada até o anoitecer, isto por um período de nove dias.

Neste ínterim, o largo da praça ia se revestindo com os naturais aspectos festivos próprios da ocasião: começavam a mais que compunha o conjunto alegórico que a data exigia.

Era um rebuliço na cidade! por essa época surgia sempre um parque de diversões, com sua roda gigante, balanços, barcos, quermesse e um serviço de alto-falante que animava o ambiente com músicas da moda que eram oferecidas pelos namorados às pessoas a quem amavam. Nas barracas eram vendidos pratos de galinha ao molho pardo ou "a Cabidela" e outros pratos ao gosto de freguês, enquanto os mais

afoitos e afeitos à bebidas, degustavam alguma batida com limão ou rabo-de-galo (pinga com vinho) e só os mais abonados se davam ao luxo de beber uma cerveja. Durante os nove dias que precediam o dia 15, a alvorada era rompida ao som de músicas executadas pela Banda acima citada e com muitos fogos de artifício a espocar. Logo em seguida, havia a celebração da Santa Missa e, à noite, a Novena encerrava as atividades Litúrgicas da Igreja naquele dia.

Todos se preparavam para homenagear a sua Padroeira.

As pessoas que pretendessem ostentar uma indumentária nova teriam que procurar com antecedência o alfaiate ou a modista, conforme o caso, para a confecção do traje, já que naquela época não vendiam ainda roupas pré-confeccionadas. Era, então, um tempo maravilhoso para os lojistas de tecidos, bem assim como para os artistas do corte e costura, que não davam vencimento às encomendas recebidas. A praça naqueles dias festivos era transformada em ponto de paqueras e encontros amorosos, tudo conforme os costumes daqueles tempos, que geralmente ficavam por conta de um olhar, um sorriso, um discreto aperto de mão e, quando muito, um galanteio ou uma declaração de amor.

E assim, embalados nos sonhos e ilusões da vida, crianças, jovens e velhos assistiam sorridentes o tempo passar, enquanto aguardavam aos momentos mais grandiosos daquela manifestação popular, que ocorriam nos dias 14 e 15 daquele mês. Nestes dias, a cidade tornava-se pequena para a afluência de quantos ali compareciam a fim de compartilhar da alegria e fé cristãs, que atravessavam as noites.

Por não existir luz elétrica na cidade, a iluminação era feita com lampiões de gás ou de carbureto. o parque de Diversões que possuía o seu próprio e, que por isto, era mais freqüentado.

Finalmente, eis que chega o tão esperado dia 15 e a cidade já se encontra engalanada e regurgitante em cada rua, beco ou praça. Onde quer que seja, o povo se comprime e aguarda um dos momentos mais sublimes do evento: o desfile da procissão em honra à padroeira.

Desde a alvorada, as manifestações religiosas se fazem presentes, principalmente na Igreja Matriz, onde, após a celebração de cada missa, há sempre um grande número de casamentos, batizados, crismas, consagrações, confissões e tudo mais que se refere ao confronto espiritual daquela gente temente à Deus.

Às quatro da tarde é a apoteose de toda a festividade: a imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho, em andor devidamente ornamentado, tendo a sua frente as bandeiras do estado, do município, da paróquia e mais os estandartes das congregações e confrarias, é conduzida sobre cortejo pelas principais ruas da cidade, acompanhada pela multidão que entoia os hinos sagrados em louvor à Santa e, em seu trajeto, os aplausos se misturam com o estourar de fogos.

De retorno à Igreja, o pároco e seus coadjuvantes, após a comunhão dos fieis e o sermão sobre as comemorações, abençoam a multidão e dão por encerradas as festividades em honra a Nossa Senhora do Bom Conselho dos Montes do Boqueirão.

ANTÔNIO CONSELHEIRO  
E OS JAGUNÇOS



Antônio Vicente Mendes Maciel, que ficou conhecido como "Antônio Conselheiro", era um cearense da região de Quixeramobim, descendente de uma família de classe média porém estigmatizado pela rebeldia e com pendores para o misticismo religioso fanatizado. Por circunstâncias adversas, ainda cedo deixou a sua terra natal e já em 1874 aparecia em Itabaiana, estado de Sergipe, trajando camisolão azul, apoiando-se em um cajado, cabelos e barba longos e desgrenhados, dando início a sermões sobre o fim do mundo, rezando e dando conselhos a quantos lhe ouvissem.

Como um andarilho, sem rumo determinado já em 1876, surgia pela primeira vez na vila de Itapicuru de Cima, ao norte do estado da Bahia. De 1877 a 1887, erra por aqueles sertões, onde marcou passagem por Curaçá, Chorochó, Alagoinhas, Inhambupe, Bom Conselho, Geremoabo, Cumbe, Pombal, Tucano, Monte Santo e muitas outras cidades e vilas da região.

Era um imperialista por convicção e nada aceitava que dissesse respeito à nova República que há pouco se instalara no País. Assim, foi que em 1893, à frente de uma multidão de fanáticos que a sua fama de milagreiro e redentor dos oprimidos já havia arrebanhado através de suas andanças, chegou em Bom Conselho, exatamente em um dia de feira, quando a cidade ficava mais movimentada. Aproveitando-se da ocasião mais que propícia para dar início as suas prédicas, armou logo na praça uma latada que serviria de abrigo para o altar improvisado com um oratório que os beatos da farândula carregavam a tiracolo.

Por esse tempo, havia sido decretada a autonomia dos municípios e as câmaras das localidades do interior da Bahia haviam afixado nas tábuas das Repartições Fiscais, Editais para a cobrança de impostos e seu disciplinamento. Ao tomar conhecimento dessas medidas governamentais, o "Conselheiro", tomado de reta, imediatamente à frente da multidão de asseclas obedientes que agitavam sediciosamente e espocavam foguetes, invadiu a Repartição e queimou as Tábuas das Leis em uma fogueira em plena praça pública, enquanto pregava a insurreição contra as novas medidas republicanas.

Depois de tudo isso, talvez num raro momento de lucidez, avaliou com mais calma o desvario que havia cometido e então resolveu deixar a cidade e, tomando a estrada velha, demandou para as bandas de Tucano, à frente daquela multidão de fanáticos que lhe acompanhava por espontânea vontade, pela fé e pela promessa de salvação. Já nesta retirada, em consequência dos desmandos cometidos em Bom Conselho, um pequeno contingente de forças do governo procurou desbaratar aquela matula de fanáticos na região conhecida como Lagoa de Masseté, mas foi destroçado pela sanha da jagunçada do Conselheiro. Trinta militares foram completamente batidos por aqueles penitentes e os que não sucumbiram à refrega tiveram que debandar imitando o gesto do seu comandante.

Após essa efêmera vitória Antônio Conselheiro prosseguiu em sua marcha rumo ao local que seria a sua cidadela - Canudos -, nas futuras pressões que deveriam acontecer por parte do governo, para coibir a expansão daquela força avassaladora, força fanática que se agigantava dia a dia diante da credulidade absconsa daquele povo rude, ignorante e esquecido pelo poder público. Finalmente, Antônio Conselheiro e seus jagunços se fixaram em Canudos, local estratégico às margens do rio Vaza-Barris. Foi ali que se

desenvolveu a campanha mais sangrenta do final do século, onde sucumbiram mais de 20.000 pessoas, incluindo combatentes e combatidos, conforme afirmação de pessoas que viveram até a década de 80 do século XX e das quais tivemos a sorte de colher os seus depoimentos, como foi o caso do Sr. José Soares Ferreiras Aras, que tinha inclusive em sua residência um pequeno museu com importantes relíquias dos despojos daquela Guerra.

Antônio Conselheiro, para os seus seguidores, não era apenas um guia espiritual; era um ser sobrenatural que transcendia o limiar de todas as crenças; era a promessa de remissão de todos os pecados daqueles seguidores, na ilusão fagueira de construir uma nova vida cuja existência resumia-se apenas ao fanatismo religioso que a própria igreja sempre abominou.

Falando em possíveis milagres que o Conselheiro teria realizado, conta-se que à época da construção do templo em Canudos, quando foi para colocar no devido lugar a cumeeira, toro grande, espesso e pesado, peça principal da sustentação do telhado da Igreja, foram envolvidos mais de dez operários para levantá-la até o teto, mas nem por isso conseguiram erguer o material como era preciso. Antônio Conselheiro que acompanhava de perto todo o trabalho, ordenou que parassem e então sentando-se sobre a madeira, chamou dois homens apenas e mandou que levantassem a peça e pusessem no local determinado, o que foi feito rapidamente e sem nenhum esforço.

Outro fato para o qual atribuiu-se mais um milagre do Conselheiro foi quando em Monte Santo ele realizou uma procissão, do centro da cidade até uma capela que ficava (e ainda fica) no alto do monte, fora da cidade, à frente de seus seguidores. Entoando hinos religiosos e soltando foguetes, palmilharam por mais de três horas a subida da serra até chegarem, já à noite, à pequena orada que era dedicada a Nossa Senhora dos Montes Santos. Todos chegando, o Conselheiro à frente da multidão persignou-se contrito diante da Santa e nesse instante, para assombro de todos, rolaram duas lágrimas de sangue na face de Nossa Senhora.

Além desses casos outras histórias semelhantes recheiam o mito que Antônio Conselheiro criou no seio daqueles Sertões in-cultos e bravios.

Assim, as façanhas do fanático Antônio Maciel se estenderam até 5 de outubro de 1897, quando os jagunços foram exterminados pelas forças legais, porém não se renderam.

Não vou fazer aqui nenhuma incursão sobre o desenvolvimento e o desenrolar das inúmeras batalhas travadas naquelas paragens. Todos os episódios riquíssimos em detalhes são narrados no livro Os Sertões, escrito por Euclides da Cunha, que é sem dúvida um dos mais brilhantes clássicos da nossa literatura.

## A DÉCADA DE 40 EM BOM CONSELHO.

Quando eu era menino, mais precisamente na década de 40, quando minha família veio residir em Bom Conselho, na época já com o novo topônimo - Cícero Dantas - a cidade, sem nenhum atrativo ou embelezamentos que justificassem algum desenvolvimento, constituía-se apenas de nove ruas esburacadas, sem calçamento e sem iluminação, onde alinhavam-se casas velhas, mal cuidadas e silenciosas, como se por ali o tempo tivesse parado, cujas ruas recebiam o nome de alguma utilidade pública que ali avultava, como seja: Rua do Quartel, Rua do Açougue, Rua da Santa Cruz, Rua do Comércio, Rua do Juá, Rua do Navio, Rua do Alto, Rua do Jeremoabo e Rua do Jatobá.

Na Rua do Comércio, que formava um quadrilátero onde ficava também a Igreja da Matriz, estabelecia-se o comércio varejista, com secos e molhados, produtos farmacêuticos, armarinho, padaria e tudo mais que pudesse suprir as necessidades primárias da população. No centro da praça erguia-se um barracão, construção antiga apenas coberta, onde ocorria a feira semanal, local em que todos, quer da cidade, seja do interior mais remoto, apresentavam-se para se abastecer. Neste dia, além de fazerem compras, todos transformavam a oportunidade em encontros de conagraçamentos, realizações de negócios e muitos ainda aproveitavam para ir até Igreja a afim de pagar suas promessas ou visitar algum compadre.

Afora este dia que mais se parecia uma festa, os demais envolviam a cidade em uma rotina tediosa e massificante, somente interrompida pela alacridade da meninada travessa, que à tarde, liberadas das tarefas escolares, dava as peraltices peculiares da idade. Reunindo-se sob o velho barracão, o bando de adolescentes atravessava o tempo a jogar peteca, bola de gude, pião, ou disputando peladas com bolas de meias e, quando não isso, criava outros divertimentos, conquanto o tempo disponível fosse ocupado. Era importante se observar que naqueles grupos heterogêneos estavam os brancos, os negros, os mais pobres e os mais ricos, estavam jovens de todas as categorias e castas, sem que houvesse discriminação ou segregação que criassem barreiras à convivência harmoniosa de todos. Era como se eles fossem uma só família.

Dependendo da época, os folguedos se modificavam e ocorriam as caçadas de passarinhos, os carros de ladeira, os assaltos às roças da vizinhança para colher frutas, além dos banhos às escondidas nos tanques de seu Nezinho Militão, Seu Jorge de Ló, professor Julinho, João da Noite, entre outros.

Entretanto tudo isto, porém, vinham as obrigações escolares que também não deixavam de ser uma festa que enfeitava as manhãs da cidade. Não havia grupo escolar ali; as escolas que se espalhavam por casas alugadas, as quais serviam também de moradia para as professoras que eram todas de outras regiões.

Ensinar naquele tempo era um verdadeiro sacerdócio para aquelas jovens abnegadas, que, renunciando o bem estar e o aconchego de suas famílias, traziam para uma sociedade diferente da sua o saber e a dedicação de seu mister, como fizeram as pioneiras do ensino na cidade, as professoras dona Odete, dona França, dona Enide, dona

Rosa, dona Anamira, dona Lourdes, dona Eva, dona Carmem e muitas outras. Todavia elas não se dedicavam ao ensino ao ensino tão somente, ler e escrever; a dedicação era integral e transcendia aos umbrais das salas de aula; a vigilância das mestras se estendia às ruas e aos lares como um suplemento educacional. Afora as atividades de classe, elas promoviam festas, piqueniques, torneios esportivos, paradas cívicas, representações teatrais, etc. Os hinos da pátria - todos sabiam na ponta da língua. Bons tempos foram aqueles, em que a consciência do dever superava as dificuldades impostas pelas circunstâncias da época.

Um acontecimento relevante para a vida social da cidade foi sem dúvida a chegada da iluminação elétrica, em 1950, na gestão do prefeito João Pereira dos Santos, o qual, diga-se de passagem, foi um dos administradores mais operosos que passou pela prefeitura da cidade, inovando a forma administrativa, com lisura e isenção de ânimo, contrariando interesses mesquinhos, repudiando a politiquice reinante, com independência e altivez. Assim no contexto de suas inovações, que abrangeram abertura de estradas vicinais, interiorizando o centro administrativo com a integração dos distritos e povoados, aquisição de veículos, calçamento das ruas, construção de prédios escolares. Foi também prioridade de seu governo a iluminação pública viabilizada com a aquisição de um gerador Caterpillar, movido a diesel, que, além de oferecer iluminação domiciliar, estendeu os serviços aos logradouros públicos. Apesar dos benefícios desse serviço abranger apenas o horário entre as 18h00 e 22h30min, as mudanças de mentalidade dentro do contexto social, foram substanciais em todos os setores da vida da cidade, com atividades noturnas mais intensas e liberais.

Somente após as 22h30min, com a paralisação do gerador é que a cidade voltava a mergulhar em suas rotinas antigas, com os notívagos e as prostitutas profissionais invadindo o silêncio da escuridão para as tropelias e libidinagens que se agregavam e se confundiam com a falaciosa respeitabilidade de alguns cidadãos tidos como exemplo de dignidade no mais amplo conceito social da urbe.

Apesar do relativo atraso e do isolamento em que vivia a cidade, a paz reinante propiciava uma convivência harmoniosa acentuada no seio da população; nem mesmo na rua do Jatobá, artéria onde residia e fazia vida livre a gente da prostituição, com os seus famosos bailes "rela- bucho", quase todas as noites, onde a bebida e o jogo aliavam-se ao bacanal desenfreado, a convivência ali era pacífica e confraternizante e só esporadicamente havia algum desentendimento mais caloroso, levado pelo alto estado etílico de alguns, mas que tudo terminava sem maiores conseqüências.

Para se ter uma idéia da extensão da tranqüilidade reinante ali, basta dizer que o contingente policial da cidade se constituía apenas de um sargento, quatro soldados e um delegado, que praticamente não tinha problemas no exercício de suas funções, a não ser encarcerar alguns bêbados que, estando a badernarem nos

bares ou nas ruas, eram levados à delegacia, onde eram liberados após curtirem a carraspana.

Dentro do período aqui enfocado, cumprindo pena por mais dez anos por assassinato, lembro-me apenas de três presidiários: Otávio Gato, que matou a sogra em uma emboscada por questão de terra, Antônio Mucujé e Sartre, sogro e genro respectivamente, que juntos mataram um soldado da polícia e um civil no distrito de Fortaleza de São João. Os demais, quando ali aportavam, eram detentos transitórios, que logo a justiça se encarregava de dar solução ao caso.

Mas essa fase de amena tranqüilidade e quietude, se era cômoda para a convivência social, não deixava, até certo ponto, de ser danosa para o progresso que teimava em não chegar e, se vinha, era uma morosidade tão recalcitrante que pouca diferença fazia. Para se ter uma idéia de tudo, somente algumas pessoas, as mais proeminentes, conheciam um automóvel ou caminhão, isto porque haviam andado em Salvador ou em outros centros igualmente desenvolvidos.

O meu sogro Joaquim Simina contou-me certa vez que em 1937, quando ele tinha 24 anos de idade e residia em uma localidade próxima à cidade de Cícero Dantas, denominada "Baiacu" surgiu a notícia que no distrito de Paripiranga, 15 quilômetros distante, havia passado há 3 dias um caminhão. Então ele e mais alguns rapazes vizinhos se reuniram no final de semana e demandaram para o local em que passou o veículo, a fim de conhecerem, ao menos, as marcas deixadas pelos pneus, no leito do caminho; e dessa forma tiveram novidades para contar nas rodas de amigos por muito tempo.

E o tempo passou; e somente em 1940 foi que chegou à cidade o primeiro caminhão, trazido pelo senhor Isaac de Souza Gouveia. Era um veículo de marca "Internacional KB-11", de fabricação americana, com o qual passou a abastecer a cidade com todos os produtos, até então transportados em lombo de burro, dando início assim a uma nova era de desenvolvimento.

Por esse tempo, o Governo do Estado estava realizando a abertura de BR que ligaria a capital do Estado, à região de Paulo Afonso, fronteira com Alagoas, onde já se encontrava em andamento os trabalhos preliminares para a construção da CHESF. Assim sendo, o fluxo de pessoas e veículos transitando pela região aumentou de forma considerável e o senhor Isaac Gouveia, homem empreendedor e de grande tino administrativo, aproveitou a oportunidade e, adquirindo os terrenos que se situavam na bifurcação da estrada que ligaria em breve tempo Salvador a Paulo Afonso, ali montou um complexo comercial constituído por hotel, posto de gasolina, posto de lavagem, oficina mecânica, borracharia, casa de peças e acessórios e tudo que o comércio do gênero englobasse.

É desnecessário dizer que o empreendimento foi um sucesso e em pouco tempo aquele entreposto transformou-se em rua, que passou logo a ser conhecida como rua do Abrigo e não demorou muito se ligou à Avenida N. S. do Bom Conselho, favorecendo desse modo o crescimento da cidade que passou a oferecer a população novas opções e meios de vida diante de novos tempos que se prenunciavam e das perspectivas alvissareiras que trazia o movimento rodoviário

então emergente. Assim, a rua do Abrigo tornou-se a artéria mais movimentada da cidade, inclusive como ponto de lazer, propiciando uma vida noturna sem precedente, chegando até a provocar a decadência da tradicional rua do Jatobá.

#### A POLÍTICA EM CÍCERO DANTAS

Desde o início do século XX, a política no município de Bom Conselho vivia quase que totalmente sob o poderio da família Vieira, latifundiária na região. Pessoas honestas e bem intencionadas, os Vieira conseguiram, através de uma política de favores e conciliações, manter sob seu controle a maioria absoluta do eleitorado municipal, que, com uma fidelidade de apóstolo, estava sempre à disposição para sufragar nas eleições o nome dos candidatos escolhidos pelos mandatários políticos no poder.

Até a década de 40, era comandante quase vitalício da política local o sr. Francisco Andrade Vieira, conhecido por todos como o coronel Chiquinho Vieira, homem não muito letrado, mas de uma habilidade política bastante desenvolvida e positiva, em que a coalizão de interesses das massas era o ponto forte de suas estratégias de bastidores. Digo de bastidores com grande propriedade, porque naquela época não havia comícios com plataforma eleitoral e programa de governo estabelecido. A estratégia era manter em cada Distrito, Vila ou Povoado um amigo de confiança que era, ex-ofício, designado chefe político local e que tinha como obrigação primordial, coordenar o eleitorado e, nas eleições, fazê-lo votar em quem o coronel Chiquinho Vieira determinasse. Em troca, esse colaborador incondicional, além de mando político local, tinha a prerrogativa de indicar o seu vereador, que iria lhe dar voz ativa na Câmara Municipal, desde que os seus interesses se mantivessem circunscritos aos interesses do chefe político. Dessa forma o coronel Chiquinho mantinha-se com o poderio absoluto no município, além de ter, de forma sistemática um deputado seu, representando-o na Câmara Estadual que foi sempre o seu filho o

dr. Accioly Vieira de Andrade. Entremeando os seus mandatos, vez por outra, era eleito para a prefeitura o seu irmão, o sr. Manoel Vieira de Andrade, que nenhuma alteração trazia que modificasse a forma administrativa. Era como dizia o adágio popular: muda o santo mas a ladainha continua a mesma.

Enquanto isto, a cidade e o município como um todo, permaneciam imutáveis, continuava tudo na forma já descrita em capítulos anteriores: na estagnação.

Adversários políticos existiam sim; a oposição era comandada pelo sr. Augusto Correia de Souza, com alguns seguidores como o sr. Firmino Amaral, Pedro Macário, em Antas, João Maria de Oliveira na região de Fátima e muitos outros dispersos pelo município, mas que diante do sistema político dominante eram inofensivos e em nada ameaçavam a hegemonia do coronel Chiquinho Vieira.

Foi no governo de Otávio Mangabeira, a partir de 1945, no final da ditadura Vargas, que o coronel Chiquinho teve o seu último mandato como Prefeito. Entretanto, sua influência continuou mandando nos destinos da região. Já alquebrado pelos anos, começou a promover uma abertura de poder transferindo para outro filho, o sr. Abelardo Vieira de Andrade, o mando político do município. Aí então começou a ocupação de prefeitura por diversos políticos que, embora seguindo a orientação do Velho Coronel, a mudança de mentalidade começou a medrar na seara dos novos tempos.

Mesmo assim, somente a UDN (Unidade Democrática Nacional) elegia o prefeito e a maioria da Câmara de Vereadores. Até 1962, permaneceram se revezando no poder os senhores Abelardo Vieira de Andrade Souza, os quais conseguiram de certa forma introduzir algumas mudanças que iriam dar roupagem nova ao aspecto da cidade, que por esse tempo já se chamava Cícero Dantas.

Apesar dos pesares, parecia a todos que a dinastia dos Vieira ainda iria se prolongar por muitos anos. Entretanto, o pároco da cidade, o padre Renato de Andrade Galvão, forte correligionário daquele clã, por questões nebulosas, no início da década de 60, rompeu com aquela política dominante e se lançou candidato à prefeitura na porvindoura eleição de 1962, pelo PSD (Partido Social Democrático). É dispensável dizer que a aceitação de sua candidatura foi algo de fabuloso, com adesões e apoios de todas as camadas sociais, como se a população estivesse despertando de um sonho e visse na oportunidade a realização de seus desejos há 6 décadas reprimidos. O sucesso da campanha media-se pelas proporções dos comícios, espetaculares concentrações humanas que reafirmaram a expectativa, sufragaram o candidato padre Renato com grande margem de diferença do outro candidato, o sr. Abelardo Vieira de Andrade, impingindo uma derrota fragorosa àquele que há muito tempo só conhecia vitórias, porque confiava, sobretudo, na fidelidade do eleitorado; doce ilusão, convicção utópica, pretensão enganosa e falaz que somente a dura realidade conseguiu quebrar o encantamento fantasioso desse devaneio.

Dessa forma, o padre Renato, homem culto, com grande tino administrativo, com relacionamento excelente dentro da esfera política do Estado, não tardou que a sua operosidade se fizesse presente na consolidação de vários empreendimentos, mudando em pouco tempo, de forma radical, o aspecto físico e sócio-cultural

da região. Fez um projeto ousado de urbanização, construiu um ginásio e vários prédios escolares, deu nova estrutura no complexo administrativo da prefeitura local, bem como nos distritos, vilas e povoados, interferindo enfim, com mudanças necessárias em todo o universo político-administrativo.

O progresso floresceu por quase dois anos, quando em março de 1964 eclodiu a tomada do poder pelos militares, com o propósito de coibir a baderna e desmandos que haviam se estabelecido em todo o País, fruto de uma política esquerdista adotada pelo então Presidente da República o sr. dr. João Belchior Goulart que sucedeu a Jânio Quadros, que havia renunciado em 1962, por motivos até então inconfessáveis.

Assim sendo, o padre Renato, que pertencia a uma facção política contrária às orientações impostas pelos militares pois era simpatizante da política de Miguel Arraes, então Governador de Pernambuco, Valdir Pires, Governador da Bahia, Julião, Chefe das Ligas Camponesas, um embrião talvez, do atual MST, Celso Furtado, um dos mais renomados economistas da época, todos banidos pela força revolucionária, não teve outra alternativa senão renunciar, única saída honrosa naquele momento cruciante.

De repente, o mando político retorna às mãos dos seus antigos mandatários, que colocam à frente da prefeitura para concluir os dois anos restantes de mandato, o antigo tesoureiro, o sr. José de Figueiredo.

Transcorrido este período de acomodações, vieram as seguintes eleições, cujo candidato lançado pelo MDB foi o jovem bancário Evaldo Fernandes Campos e, pela ARENA, os Vieira lançaram o comerciante João de Souza Gouvêia, filho do empresário Isaac de Souza Gouvêia, já deferido em capítulo anterior.

Assim, novos tempos se abriram para os velhos políticos da cidade. O coronel Chiquinho Vieira a essa altura já havia falecido. Entretanto, novos rebentos do clã passaram a se destacar no mundo político, desta vez os netos Luiz Fernando Andrade de Carvalho e Antônio Hélio Vieira Gonçalves, que tiveram por muito tempo o poder, mas que nos últimos anos, não sei se por excessiva confiança no prestígio ou por pouca habilidade política, perderam o controle para a oposição; somente o sr. Luiz Fernando conseguiu um mandato de Deputado Estadual, em 1998, porém não conseguiu se reeleger em 2002. Enquanto isto, continua a família dormindo sobre os louros das glórias passadas.

#### AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Já vimos em capítulos anteriores o modo pacato e bucólico em que vivia a sociedade cicerodantense até o início da década de 50. Afora as grandes festividades populares da festa de Agosto e do Ano Bom, que eram mais manifestações populares com caráter religioso, como eram também a quaresma e o São João, outros eventos ocorriam e eram muito comuns os saraus que aconteciam periodicamente nos lares dos chefes políticos ou personalidades de



destaque no seio social da cidade. Assim, aqueles bailes privados realizavam-se principalmente nas casas dos Senhores Manoel Vieira de Andrade (Néu Vieira), Firmino Amaral, Antonio Pires, Isaac Gouveia, Jovelino Pereira (seu Jove), João Belo de Castro, João Neves e muitos outros representantes da elite local e esta era a fórmula mais indicada para a aproximação da juventude emergente, e dali, não raro, surgiam os casamentos entre as famílias abastadas. Outros congraçamentos menos protocolares ocorriam nas camadas mais humildes em forma de pagode, igualmente importantes para a aproximação e intercâmbio social, que nos finais de semana se verificam em vários pontos da cidade.

Entretanto, a partir de 1955, com a implantação da agência do Banco do Nordeste do Brasil S/A, em 15 de Agosto deste mesmo ano e conseqüentemente com a chegada de pessoas com novos costumes e nova mentalidade, houve como um despertar para nova postura social.

Foi nesta fase, que, congregando-se administradores, funcionários do BNB e a elite da cidade, foi fundado o primeiro clube social que, embora desprovido de alguns requisitos essenciais como sede própria, um corpo social estável e um estatuto com objetivos definidos, serviu como trampolim para conquistas mais audaciosas no futuro. Era na época o Clube Recreativo Caimbés - CRB, conhecido popularmente como "Os Caimbés", nome que representava uma homenagem à mais remota tribo indígena que povoou a região, cedendo lugar, por motivos desconhecidos, Aos Kiriris e da qual, pouquíssimo registro de sua história temos a apresentar. O fato é que os "Kaimbés" talvez por falta de estrutura administrativa e financeira não se solidificou e quando este humilde contador de história chegou a Cícero Dantas, em 1959, para se integrar ao quadro do BNB, aquele clube já estava em seu último estertor e ficamos mais uma vez sem um clube social. Os funcionários do BNB, que passaram a compor uma forma desenvolvimentista adicional da cidade, começaram a cogitar sobre a formação de um clube social que congregasse, a sociedade local, provido de todos os requisitos sócio-culturais e recreativos.

Pensando assim, o funcionalismo daquele banco requereu uma área de propriedade do município, próximo à cidade, sem serventia pública alguma, e ali, a custo de contribuições, doações, rifas e muito labor por parte de todos, foi lançada a "pedra fundamental" de um sonho benebeano e dado início à primeira etapa da construção. Bastou isso para que a sociedade se sentisse superada pela força de iniciativa dos jovens bancários e dest'arte propugnasse a anulação do requerimento do terreno a fim de ser cedido ao povo da cidade que então se propunha a construir o clube, esta proposta, quer embora representando uma usurpação de direitos, foi de imediato acatada pelo prefeito da cidade, padre Renato de Andrade Galvão, que acrescentou: "quem faz filho na mulher do outro perde o filho e o feitiço". Assim, mandou que os proponentes requeressem a posse do terreno que englobaria também o investimento ali já existente. Como esta decisão ficou circunscrita ao âmbito da arbitrariedade, o juiz de direito da cidade, dr. Rui Dias Trindade, com seu alto espírito conciliador, convocou através de edital as partes interessadas na demanda e em cuja oportunidade conclamou a todos a união de interesses par a consecução daquele objetivo e propôs que, em vista de os bancários já haverem investido razoável

capital na obra, fosse concedido a todos um título de sócio remido, com direito de participarem da diretoria e da aquisição de mesas cativas.

Depois das discussões de praxe, tudo foi aceito conforme proposto, o que originou a criação da Associação Recreativa Bonconselhense (ARB), que, a partir de 1962, passou a funcionar como um dos melhores clubes sociais de toda a região. Ainda na década de 60, época em que foi presidente dr. Raimundo Andrade, diretor social o senhor Manoel Farias e tesoureiro, o contador dessas estórias, aconteceram os mais grandiosos bailes que a cidade e por que não dizer a região, teve em toda a sua história, como ocorreu com a festa das Rosas, O Baile Rubro e outras de igual sucesso. Por ali desfilaram as mais famosas orquestras da época como sejam: Los Mexicanitos, Los Mariaches, Os Turunas, O Rumba, Os Picolinos, a Orquestra Guanabara, na qual era croner Agnaldo Timóteo, e muitas outras que seria ocioso relacionar aqui.

É igualmente desnecessário falar que, desde a sua fundação a ARB tem sido um órgão que vem desempenhando papel valioso no âmbito social e recreativo, e servido como célula aglutinadora dos interesses da sociedade. Em que pese a decadência que a cidade vem experimentando em outros setores, a ARB ainda é uma entidade que merece respeito e serve de orgulho para os cicerodantense pois é um ponto de referência social da região.

#### O ADVENTO DO BANCO DO NORDESTE S/A

A implantação da agência do BNB em Cícero Dantas, no ano de 1955, foi sem dúvida o evento mais relevante do século para a região, as pessoas que viveram e moraram ali hão de se lembrar que a cidade, antes desse fato, se não era um grupo populacional decadente, experimentava pelo menos uma estagnação desalentadora, o que refletia sobejamente a apatia dos poderes públicos.

Até o fim da década de 60, a cidade contava com um pouco mais de 2.000 habitantes, não tinha energia elétrica, as vias de comunicação para os municípios vizinhos e a capital eram precaríssimas, eram também notórias a carência de escolas, assistência médica, transporte, lazer e muitas coisas indispensáveis a uma vida social normal em qualquer região. As

altas taxas de analfabetismo, natalidade e mortalidade, aliadas às funestas conseqüências das "secas", que se abatiam com maior intensidade naquela época sobre o Nordeste, dizimando plantações e rebanhos e obrigando, não raramente, as pessoas a abandonarem o seu torrão natal, eram fatores determinantes do conformismo e atraso daquela gente que, sem ter nenhum arrimo dos governos, eram obrigados a sobreviver à deriva de seu próprio destino.

Foi ainda no governo de Getulio Vargas que foi criado o Banco do Nordeste do Brasil, em 1952, o qual teve como primeiro presidente o economista baiano Rômulo Almeida que, juntamente com outro baiano, o dr. José de Oliveira Martins, diretor do recém-criado banco, foi instalado na cidade de Cícero Dantas, a 15 de Agosto de 1955, um Escritório desta Casa de Crédito, a qual foi transformada em Agência em 1957. desta época em diante, a cidade começou a passar por uma acentuada transformação social e econômica. A mudança da mentalidade com o advento de pessoas de sociedades e culturas diferentes, abriram novos horizontes para a nova era de desenvolvimento que uma agência bancária do gabarito do BNB teria que implementar como sua principal função e objetivo maior.

A par com os benefícios do crédito orientado imprimido na região, os governos federal, estadual e municipal passaram a dar um novo dinamismo em todos os setores da economia, abrindo estradas, dotando a região de energia elétrica, melhorando o ensino, a saúde, as comunicações, enfim, alterando radicalmente a qualidade de vida de sua gente.

Foi por esta época que, através de concurso publico tive a honra de fazer parte do quadro de funcionários do BNB, em 1959, onde ali fiz carreira profissional e somente fui transferido em 1975, como gerente, para assumir igual função na cidade de Irecê, na Bahia, de onde mais uma vez fui transferido para a Agencia de Batalha-AL, vindo a me aposentar em 1989, na filial de Aracaju-Se, como Técnico Bancário. Como partícipe ativo das atividades econômicas e sócio-cultural da cidade onde cheguei criança, saindo apenas após uma convivência de mais de trinta anos, pude assistir e participar do progresso que foi tão acentuado, que no final da década de 70, o município ultrapassava uma população de 40.000 habitantes dos quais mais de dez mil habitavam o centro urbano, conseqüência de uma emigração mais elevada e fácil de melhores meios de vida que ali se buscava, na miragem que povoou os sonhos de quantos vivem na zona rural em qualquer parte do mundo.

A essa altura dos acontecimentos, Cícero Dantas já se comunicava através de estradas asfaltadas com Salvador Aracaju e Recife, com ônibus diários para estas capitais e demais regiões do país, aumentando sobremaneira o intercâmbio regional com outras paragens mais desenvolvidas. Já contava também além do BNB, célula-máter de todos os fatores de desenvolvimento que se experimentava, com uma agência do Banco do Brasil, com o Bradesco e a Caixa Econômica, contava ainda com dois ginásios, sendo um com o curso pedagógico; instalaram-se também na cidade os supermercados G. Barbosa e Vascore, sem contar com outros de menor porte já pré-existentes, como era o caso do Supermercado Martins. A cidade passou a ter energia de boa qualidade, água encanada, estação rodoviária, telefone e tudo mais que proporcionasse maior impulsão ao seu desenvolvimento, como clubes sociais e de serviços, hotéis,

emissoras de rádio e etc.

Até 1974, somente o BNB havia aplicado na região cerca de 17 milhões em crédito rural, envolvendo o custeio agrícola e financiamentos para investimentos que englobavam melhoramentos de propriedades, como, sejam: aguadas, cercas, galpões, ampliação de pastagens, construção ou reforma de casas, depósitos, currais, bem como melhoramentos de rebanhos, aquisição de máquinas e implementos agrícolas e muitos outros itens que torna ocioso citarmos aqui. Com menor ênfase, mais com a devida equidade, o BNB atendia também sua clientela através do crédito comercial e do cooperativismo. Foi na verdade notório o desenvolvimento que Cícero Dantas alcançou naqueles anos, que coincidiram com os anos do "milagre brasileiro" ocorrido no governo Médici, quando foi ministro da fazenda o economista Delfim Neto.

Infelizmente, o sonho acabou, seguindo aquela fase promissora de incontido progresso, veio a depressão, juntamente com as mudanças de governo, de novas diretrizes, novas orientações e novas mentalidades, já na década de 80 Cícero Dantas começou a experimentar um processo de estagnação, seguido de uma decadência avassaladora e sem precedente, vagarosamente, a cidade se foi esvaziando. Hoje não existem mais ali, o Bradesco, a Caixa Econômica, o G. Barbosa, o Vascore, como também os clubes de serviços e o Hotel Boqueirão foram desativados; até a agência do IBGE que ali funcionava desde 1943, foi re-localizada na cidade de Ribeira do Pombal. Do comércio, vive hoje quem tem também outra atividade complementar. Hoje a descrença paira sombria sobre a região e aquela gente vive à deriva dos desmandos políticos e administrativos de governantes incompetentes, ímprobos, gananciosos e antipatrióticos.

#### OS MONTES DO BOQUEIRÃO

Os Montes do Boqueirão formam um acidente geográfico nas cercanias da antiga Bom Conselho, que se destaca pela sua proeminência de mais de 500 metros de altitude, de onde se vislumbra na amplidão

de seus horizontes a paisagem que dantes seriam os domínios naturais do povo autóctone, que formava a tribo dos índios Kiriris, hoje é um marco histórico, cercado de mistérios e lendas que a incredulidade e indiferença da civilização não conseguiu ainda apagar, pois ali existe algo que transcende os limites da nossa imaginação e alguma coisa de misteriosa que abala a nossa sensibilidade, se por curiosidade ou por deleite aportarmos àquele sítio.

Ali, pelo que se conclui das vagas e esmaecentes notícias lendárias era uma "ORADA" indígena onde aquela gente desenvolvia os seus rituais primitivos, cultuando a natureza dentro de seus princípios e crenças hereditárias.

Os Kiriris, vagarosamente passaram para o esquecimento com o povoamento da região por parte de aventureiros e catequistas. As lendas se diluíram na voragem do tempo; a historia não registrou em seus anais o que antes fora também civilização; nada restou de certa forma para falarmos daquilo que era a região antes do século XVIII, afora vagos indícios que perduram e resistem à descrença e indiferença da modernidade.

Ainda hoje, bem no cimo de seu monte mais elevado, onde se estende uma pequena planície com alguma arvores nativas juntamente com a vegetação nativa natural dos tabuleiros, ergue-se um Cruzeiro que se vislumbra a muitos quilômetros de distância. Ao pé deste espalham-se incontáveis ex-votos, tais como replicas de mãos, braços, pernas, pés, cabeças e muitas oferendas que o povo simples deposita ali em sinal de agradecimento por alguma graça alcançada na cora de alguma doença ou solução de algum problema, o que revela a extensão da crença que embala aquela gente humilde. Outras pessoas pagam ali também as suas promessas, rezando terços ou soltando foguetes. Há tempos, em minha adolescência, ocorria ali, anualmente, no dia 3 de maio (dia da Santa Cruz) missa festiva, para onde acorriam, não somente fiéis das redondezas do Boqueirão, mas também da cidade que se deslocavam a pé, cujo percurso até o Monte já representava uma penitência, pois o caminho a partir das proximidades da velha Fazenda Pombos, era na verdade uma estreita sendo pedregosa e íngreme, beirando inúmeros precipícios de profundidades insondáveis, e à margem dos quais os caminhheiros paravam para ouvir o eco de seus próprios gritos que se repetem quatro ou cinco vezes. Apesar das dificuldades impostas na caminhada, nada representava para os romeiros, pois à proporção que se subia, ia vagarosamente se descortinando e se ampliando os horizontes, proporcionando a todos o embevecimento com a exuberante paisagem que se desdobrava na distância a perder de vista. Era um dia de festa para todos.

Igualmente festivos eram os dias em que grupos de jovens se organizavam e realizavam ali naqueles montes os seus piqueniques. A festa já tinha início a partir da reunião de todos os participantes em lugar anteriormente determinado, para ganharem o caminho em busca daquele sítio. Naqueles tempos, as bebidas e as drogas não tinham espaço na vida dos moços, e, somente um ou outro rapaz, fumava esporadicamente e, por isto, a paz e a alegria andavam com todos de mãos dadas, numa confraternização feliz, sincera e aconchegante. O dia para todos fruía risonho, embalando a alacridade daquela juventude, em que o aconchego e o conagraçamento

eram a ordem do dia. E, assim, o tempo deslizava célere até à tarde, quando se empreendia o regresso, onde principalmente os enamorados começavam já a serem envolvidos por uma nostalgia suave que os embalava no caminho de volta e, então, já planejavam um breve reencontro ali naquela serra, com outro piquenique que não deveria tardar.

Foi assim, pois, que conheci os Montes do Boqueirão, que é sem dúvida o local onde teve origem o município de Cícero Dantas e que deveria receber do Poder Público um especial tratamento em termos de preservação e divulgação do Patrimônio Histórico que ali existe e que somente engrandece o nosso acervo folclórico e lendário.

#### O PADRE VICENTE - MITO OU PREDESTINAÇÃO

Em 1812, chegou aos rincões dos Montes dos Boqueirões o frei Apolônio de Toddi, com a incumbência de catequizar os nativos da região e dar-lhes um Orago para tutelar o novo núcleo religioso que surgia ali. Assim, Bom Conselho depois Cícero Dantas, viveu sempre sob a proteção de N. S. do Bom Conselho, a sua Padroeira e, nestas condições a sua população sempre foi constituída, em sua maioria absoluta, por pessoas que professam o catolicismo, cuja contribuição através de seus párocos foi decisiva para a formação de uma sociedade cuja religiosidade esta presente em todos os eventos e no modo de vida de seu povo.

Afora o frei Apolônio que, como já vimos desempenhou papel importante nos primórdios da fundação da Vila que teve como seu primeiro pároco o padre Antonio de Barros, seguido pelo cônego Caetano Dias da Silva, padre Leonel, Padre Vicente José Martins, padre Justiniano dos Santos Costa, Monsenhor Renato de Andrade Galvão e por último o Monsenhor José Elias Ferreira.

Entre estes dedicados sacerdotes que, renunciando uma vida faustosa e liberal, preferiram a humildade do apostolado, abraçando a obra de Jesus, trazendo para a população carente os ensinamentos da fé, do amor e da caridade, destacamos a figura relevante do padre Vicente José Martins, que viveu à frente da paróquia por cerca de 50 anos.

Padre, cuja abnegação e zelo no desempenho de seu mister excedia às expectativas de todos, principalmente em face das circunstâncias da época, que no contexto regional se apresentava cheia de adversidades, que só a dedicação e a fé seriam capazes de superá-las.

Não raras vezes este pároco era procurado por fiéis para prestar

assistência espiritual a alguns enfermos que agonizava a alguns quilômetros da Paróquia, cuja viagem teria que ser empreendida a cavalo, não importando se fosse dia ou noite, se chovia ou fazia sol; o socorro divino teria que ser dado e muitas vezes só havia tempo para rezar uma missa de corpo presente, pois extrema unção já não era possível, o moribundo já havia passado desta para outra vida melhor.

E dessa forma, levando uma vida quase que totalmente dedicada à obra de Deus em favor de seu rebanho, necessário se fazia ter alguém na Casa Paroquial que atendesse às suas necessidades básicas, como lavagem de roupas, preparação de alimentos, asseio da casa e vários itens indispensáveis que ele sozinho era impossível executar. Assim, para satisfação dessas necessidades primárias ele arranhou uma serviçal, que pelo que se depreende, solucionou de fato os problemas, desincumbindo-se a contento das tarefas que lhe foram atribuídas. A sintonia vivencial foi tão harmônica que em breves tempos começou a medrar uma prole que ele passou a criá-la com desvelo e carinho.

A essa altura dos acontecimentos, alguns fiéis, reputando aquele procedimento como uma profanação da fé, se dirigiram ao bispo em Salvador-Ba, dando conta do que se passava na freguesia do Bom Conselho. Por algumas vezes o bispo convidou o padre a se justificar e a se defender das acusações a ele impostas. Naturalmente, o vigário, obediente aos seus superiores, comparecia ao bispo e, interpelado sobre as acusações que lhe pesavam, justificava-se dizendo que aquelas crianças que viviam em sua companhia eram órfãos desamparados que havia recolhido em suas desobrigas e que a piedade cristã não lhe permitia abandoná-los à sanha do destino. A mulher que vivia em sua companhia seria uma pobre velha que além dos afazeres habituais lhe ajudava a criar a menina como se fosse mãe.

E mais uma vez o padre Vicente voltava à paróquia, redimido e a vida continuava a fluir tranqüila e serena.

Há porém outra versão para o fato acima; certa vez, quando em visita pastoral à Paróquia, o arcebispo dom Jerônimo inquiriu o padre a respeito dos meninos pelo que este lhe respondeu: "esses meninos são meus filhos. Se houve falta tê-los posto no mundo, maior pecado seria desconhecê-los ou abandoná-los" e a conversa em torno do assunto foi encerrada.

Assim, o reverendo criou as suas dez crianças, educando-as e formando-as em Salvador, em variados segmentos universitários, os quais, posteriormente vieram a ser figuras importantes, com indiscutível proeminência na vida política e cultural do Estado e da Nação, como foi o caso do dr. José de Oliveira Martins e Epaminondas de Oliveira Martins, anteriormente já referidos.

E levando, assim, uma vida altamente atribulada, surgiram a seu respeito várias histórias pitorescas, nas quais mito e realidade se confundem e se mesclam como para realçar a grandiosidade desse padre.

Conta-se que certo, dia, convidado a justificar-se mais uma vez sobre seu modo de vida, não visto com bons olhos pela maioria dos puritanos da paróquia, teve que demandar para a capital, onde desfiou o mesmo rosário de argumentos perante os seus superiores, o que não só os convenceu como também arrancou elogios pelo seu

alto grau de despreendimento e amor ao próximo.

Em seu retorno, como era obvio, os seus delatores esperavam-no ávidos de notícias, antegozando o desenlace que deveria ser, no mínimo, a sua transferência para outra paróquia. E quando foi interrogado sobre o resultado de sua visita à capital, simplesmente com muita ironia respondeu:

- Ainda não foi desta vez que vocês vão ficar livres de mim!...

- Se todos querem saber, agora voltei colado até o C!...

E, dando as costas com desprezo aos seus desafetos, foi tranqüilamente cuidar de seus afazeres espirituais.

Casos assim, recheados de humor, envolvendo a forma de vida do padre Vicente foram muitos e variados e alguns deles, por seu maior realce, perduraram na memória da população, em que a fantasia e a realidade se confundem, refletindo uma imagem de simplicidade e esperteza quase folclórica deste ministro de Deus.

Era sabido por todos, e disto o Reverendo não fazia segredos, que era adepto, além do vinho sagrado que sorvia nas celebrações das Santas Missas, de uma cachacinha pura, meio fácil de dar alívio às canseiras de suas caminhadas, quer no verão, fosse no inverno, através de longas viagens para socorrer espiritualmente seus fiéis. Assim, certa vez, o padre foi despertado, ainda pela madrugada, para dar o sacramento extremo a um de seus fiéis que agonizava, distante da paróquia cerca de 30 quilômetros. Sem perda de tempo ele se arregimentou de seus paramentos, montou sua cavalgadura e demandou para o sítio destinado, guiado pelo portador da família do enfermo. Como nas viagens que empreendia, sempre levou consigo uma garrafa de pinga, por precaução, para se refestelar com seus recursos, no caso de não encontrar em seu trajeto alguém que lhe oferecesse um trago. Já no percurso de ida, tomou alguns goles e, após se desobrigar de sua missão, empreendeu a etapa de regresso, quando seu estado etílico estava para lá do normal. Eis que, em meio do caminho, a sua montaria tropeçou e o padre desabou fragorosamente dentro de um "valado". O seu acompanhante, apressado e aflito, prestou-lhe o devido socorro e após o haver recolocado sobre a montaria, disse-lhe em tom de reprovação:

- Diabo leve quem inventou cachaça, seu vigário!...

Pelo que o padre retrucou dizendo:

- Diabo leve quem inventou "valado" meu filho!...

Assim, seguiram viagem, sem novos acidentes até Bom Conselho, onde chegaram sãos e salvos.

De outra vez, em uma das festividades regionais, ocorrida no povoado de Fortaleza de São João, que também era conhecido pelo nome de Buracos, em face de seu aspecto físico acidentado, após o padre haver realizado a celebração de um casamento da filha de um político do local, a nubente anunciou que ia fazer uma homenagem ao vigário pelo modo Cortês e cristão com que ele atendeu ao chamado da família.

Considerando que o noivo também se chamava Vicente, após o devido silêncio dos circunstantes, ela começou:

- Viva Vicente, meu noivo!...

- Viva o Padre Vicente!...

- Viva o povo dos Buracos!

- Viva os Buracos da gente!...



Diante da desprezenciosa simplicidade daquela homenagem disparatada, que para os presentes, na sua santa ingenuidade e ignorância, foi um rasgo de gratidão e eloquência, o pároco limitou-se ao silêncio da descrição, enquanto a festança das núpcias regurgitava por todos os recantos da casa, ele discretamente ficou tomando seus traguinhos.

Diziam as pessoas contemporâneas do padre Vicente, que pela realização de alguns matrimônios, antes de pedir aos presentes que se manifestasse se houvesse algum impedimento para aquele enlace, ele perguntava primeiramente ao noivo se ele já possuía a casa, a roça e o burro. Em caso positivo, tudo bem, a cerimônia continuava; entretanto, na falta de alguns desses itens, o casamento não se realizava, pois, na concepção do Vigário, estas três coisas representavam a pedra fundamental que serviria de base para a consolidação e formação de uma família tranqüila.

Certa feita, durante a celebração de um casamento coletivo no encerramento das festividades do Ano Bom, um dos nubentes, por infelicidade e vergonha dele, quebrando o silêncio austero daquela cerimônia, soltou um peido, o que provocou risos dos presentes menos discretos. Sem esboçar nenhum reparo, o padre Vicente simplesmente falou:

- De que estão rindo?...

E prosseguiu:

- Vocês não sabem que burro quando pega carga peida?...

E continuou tranqüilamente com a cerimônia.

Foi dessa forma, com desprendimento e abnegação, com simplicidade e amor a causa que abraçou, que o padre Vicente atravessou a existência de quase 78 anos dedicados à igreja e à sua gente, vindo a falecer em 4.06.1933, deixando órfãos 10 filhos e uma sociedade saudosa da assistência espiritual daquele que ali desempenhou o sacerdócio por 50 anos seguidos.

## PÉ LIGEIRO

Em todos os tempos e lugares, houve sempre alguém que, independentemente de suas origens sociais e culturais, se sobressaiu sobre as demais pessoas de sua época em face de alguma façanha que por seu caráter inusitado causou respeito e admiração a quantos lhe conheceu.

Dentro desse contexto se insere um cidadão que viveu nas proximidades de Cícero Dantas, mais precisamente nas proximidades denominada Rancho, o qual se notabilizou pela sua destreza em se deslocar de uma região a outra, vinte, trinta, quarenta quilômetros de distância em um tempo tão exíguo que causava espécie a todos.

Este homem chamava-se João Perlingeiro, a quem todos chamavam de "Pé Ligeiro", cognome que sem duvida homenageou as suas qualidades de velocista. O auge de seu vigor físico e disposição para se desincumbir das empreitadas que lhe eram propostas ocorreu mais ou menos pelas décadas de 30 e 40, quando era homem maduro, sem maiores compromissos na vida, a não ser cumprir a contento o seu mister, pois, além da rapidez com que eram feitos, contava-se também com a discrição e sigilo, itens importantes que faziam parte da sua profissão.

Dessa forma, como sabemos, os meios de comunicação e transporte naquela época eram extremamente precários e morosos, assim, quem necessitasse enviar um recado, uma carta, uma encomenda a alguém em paragens mais distantes, no próprio município ou mesmo em municípios vizinhos, recorria incontinenti aos préstimos de "Pé Ligeiro", com a convicção plena de que os seus problemas seriam completamente resolvidos.

São muitas e variadas as histórias deixadas por este homem simples que atravessou a existência desempenhando tarefas árduas, proezas impossíveis para a maioria dos mortais, mas que para ele não passavam de atividades rotineiras. Para ilustrar esta simples narrativa sobre este homem, referimo-nos a um dos casos que nos pareceu verdadeiramente extraordinário.

Aconteceu na década de 40, em plena Grande Guerra Mundial. O senhor Manoel Vieira de Andrade, mais conhecido como "seu Neo", homem respeitável no seio daquela sociedade, era Intendente de Cícero Dantas (posto que substituíra o cargo de Prefeito, já que estava-se em plena Ditadura Vargas), quando também era Interventor da Bahia o general Pinto Aleixo.

As notícias acerca do andamento da Guerra através de jornais só chegavam a Cícero Dantas com oito dias de atraso ou mais. Assim, era necessário um rádio para melhor se manter a comunidade informada sobre o desenrolar da pugna lá na Europa e de outros acontecimentos também importantes.

Só havia na cidade três aparelhos de rádio: o de seu Neo, o do coronel Chiquinho Vieira e o do senhor Jovelino Pereira, "seu Jove", que funcionava com baterias de caminhão. Necessitavam portanto, de recarregamento periódico. Não havendo na cidade meios adequados para se manter os acumuladores energizados, tudo teria que ser feito na cidade vizinha de Paripiranga estado da Bahia, distante 10 léguas (60 quilômetros) de Cícero Dantas, percurso que teria de ser feito em lombo de animal ou a pé. Era então que Seu Neo, como autoridade máxima do município e tendo necessidade de se manter informado sobre todos os acontecimentos, utilizava os serviços de "Pé Ligeiro", por considerá-lo mais rápido e eficiente. Assim, toda vez que o acumulador de seu Neo dava mostra de descarregamento, esta pessoa era convocada a ir a Paripiranga a fim de promover o serviço determinado, o que ocorria geralmente à noite, quando Pé Ligeiro, com a bateria à cabeça, demandava para aquela cidade, de onde retornava no dia seguinte, impreterivelmente às 7 horas da noite, a tempo de seu Neo ouvir o noticiário transmitido pelo "Repórter Esso" e poder, bem informado, conversar com seus correligionários a respeito dos acontecimentos daquele dia ocorrido no mundo.

## A VINDITA DE MANOEL DE CASTRO

Foi na localidade denominada Tubarão, próximo à Fazenda Quixaba, distante de Cícero Dantas cerca de 12 quilômetros, onde viveu um homem de costumes austeros e conduta ilibada, arraigado às suas tradições, que considerava a honra cabedal inatingível e inatacável em qualquer circunstância da vida, como todo sertanejo de estirpe.

Sempre usou cavanhaque, o que ao seu entender aumentava a sua respeitabilidade no seio daquela gente simples da época, porque um simples fio de cabelo extraído, quer do cavanhaque, fosse do bigode, tinha valia de qualquer documento registrado em cartório e para honrá-lo declinava-se da própria vida.

Esse homem chamava-se Manoel de Castro e era pai da primeira professora de Cícero Dantas, dona Laurentina, formada em Salvador, onde o seu pai, viúvo, a internou num colégio de freiras, e para onde viajava de tempos em tempos a fim de visitar sua filha e pagar as despesas de seus estudos. Estas viagens eram feitas a cavalo e demoravam cerca de uma semana, já que a distância a cobrir era de quase 600 quilômetros, contando-se ida e volta.

Foi, pois, em uma dessas viagens para a capital, que o senhor Manoel de Castro, certo dia, passeando pelo centro da cidade, parou em uma tabacaria para se abastecer com charutos e cigarros, já que o fumo picado que usava na roça era deselegante na cidade grande. Neste momento, foi abordado por um cavalheiro, que talvez querendo ser engraçado para seus amigos, além de lhe dirigir gracejos, pegou-lhe pelo cavanhaque, balançou-o de um lado para o outro e disse: "este é o verdadeiro pai de chiqueiro do sertão"; provocando risos debochados nos circunstantes. Manoel de Castro, embora ultrajado e ferido de morte no seu amor próprio, conteve a sua indignação e até mesmo se mostrou receptivo àquela pilhéria inoportuna. Todavia, sem perder tempo, começou a colher informações a respeito do cidadão que o havia desmoralizado e conseguiu se inteirar de quem se tratava, onde morava, sua profissão, seus hábitos, etc. E concluiu tratar-se de um coronel fazendeiro de cacau no sul da Bahia e que residia ali mesmo no centro da cidade, em uma mansão colonial digna de pessoa de categoria política e social de coronel.

Assim, daquela data em diante, o nosso sertanejo começou a perpetrar a revanche daquela afronta, cuja mácula teria que ser lavada com sangue daquele que a temeridade ultrapassou os limites da tolerância e da prudência. Sem perda de tempo, mas com paciência e precisão, foram iniciadas as providências preliminares para o desfecho da empreitada mais audaciosa que um homem rude e de poucos recursos podia na época imaginar e empreender.

Em face das constantes viagens que o senhor Manoel de Castro fazia a Salvador, por onde quer que passasse em seu trajeto, foi ao longo do tempo construindo sólidas amizades com os moradores das propriedades onde fazia pousada e não foi difícil utilizar os préstimos daquela gente para conseguir, a contento, levar a cabo o plano de justiça à sua dignidade atingida pela insolência de um bonachão que não conhecia a profundidade de caráter de um homem do sertão.

Depois do planejamento veio a execução do esquema. Foram adquiridos e distribuídos ao longo do caminho entre Cícero Dantas e Salvador cerca de dez cavalos bem nutridos e destros para a corrida emergencial a ser empreendida. Além de bem arreados, os animais, em dia e hora previamente determinados, deveriam estar selados e prontos para a viagem.

Dessa forma, em um domingo cedo, Manoel de Castro foi visto em Cícero Dantas e já na segunda-feira, às 6 horas da matina, ele bateu a porta do coronel em Salvador, se dizendo amigo com uma notícia importante a lhe dar.

Foi então, nessas circunstâncias que aquele homem, ao abrir a porta, se deparou com o "pai de chiqueiro", que lhe desferiu toda carga do PARABÉLUM, sem nenhuma chance de defesa ou possibilidade de salvação.

Imediatamente, o senhor Castro empreendeu a sua viagem de regresso à sua terra, utilizando a rapidez dos animais que estrategicamente os havia distribuído na sua trajetória. Dessa forma, conseguiu amanhecer no dia de terça-feira em Cícero Dantas, de onde teria de se deslocar para a cidade de Geremoabo, distante de sua residência cerca de 48 quilômetros, onde deveria se apresentar na quarta-feira, às oito horas da manhã, a fim de participar do corpo de jurados em julgamento que ali ocorreria naquele dia.

Dias depois, surgiu a notícia do assassinato do Coronel e todos os indícios de autoria do crime eram apontados para o senhor Manoel de Castro, tido como principal suspeito na consumação da tragédia. Diante dos fatos foi instalado inquérito policial para apurar a culpabilidade do acusado. Em julgamento, foi o senhor Castro absolvido por não haver sido provado que foi ele o assassino, pois era impossível, teoricamente, alguém ter sido visto em Cícero Dantas no Domingo e já na Quarta-feira estar presente em Geremoabo e, neste intervalo, ter ido à capital, cometido o delito e estar de volta à região na quarta-feira, conforme foi dito acima. Este foi o alibi perfeito que o livrou das penas da Lei e o ajudou a lavar a sua honra.

Há, entretanto, controvérsias sobre este incidente. Outra versão existe falando de que a pessoa assassinada era um segurança do palácio do governo que, não acreditando que o senhor Manoel de Castro havia ali comparecido a chamado do governador, e o recebeu com deboches e debiques, puxando inclusive o seu cavanhaque. Esses detalhes, porém, não os considero essenciais, pois, o que pretendemos mostrar é até que ponto chegava um homem daqueles tempos para defender a sua honra, quando enxovalhada por pessoas de mau caráter.

Assim sendo, continuou o senhor Manoel de Castro a ser a mesma pessoa respeitável, pai da primeira professora formada na Capital, que teve cadeira de ensino nessa cidade, o que foi sempre um grande orgulho para esse homem que nunca aceitou desmoralização.

## ZÉ PIQUETE

Nas duas primeiras décadas deste século, a Vila e Freguesia de Nossa Senhora de Bom Conselho foi palco das peraltices da meninada adolescente, que sem ter alguma coisa a fazer que não fosse ir à escola, invadia todos os espaços a todos os momentos, com a sua alacridade e inquietação própria da idade e das circunstâncias. Dividindo as horas com brincadeiras de "Cabra Cega", "Picula", "Guerrô" e muitas outras diversões, sem contar os assaltos a pomares e os banhos escondidos nos tanques das redondezas, e era dessa forma que preenchiam o tempo ocioso que deslizava lento e sem novidade. Daquele grupo faziam parte Totonho de Neo, Bráulio, Culinha, Flavino, Zeca Martins, Epaminondas Martins, Zequinha de Gaim, Zé de Joaquim Neves, Enock de Zelinho, Zé Piquete, Zé de Vital e muitos outros que na sua maioria, posteriormente, foram pessoas de destaque e representação no cenário econômico, social e político, não somente da região, mas também, em âmbito nacional. Como foi o caso do sr. Epaminondas de Oliveira Martins, que chegou a ser Governador do Estado do Amazonas, e de Zeca Martins (José de Oliveira Martins) que participou da fundação e foi diretor do Banco do Nordeste do Brasil S/A, em 1955, fez instalar em sua terra natal, uma filial desse Banco, que sem dúvida foi o acontecimento de maior relevância no século, para o desenvolvimento sustentado da região, com ênfase especial para o município e a cidade de Cícero Dantas, com o crescimento das atividades agropecuária e comercial, sem falar nos benefícios sociais, com o advento da nova mentalidade cultural.

Como falamos da garotada dos primórdios do século, tratava-se de jovens de famílias abastadas, com algumas exceções, como era o caso de Zé de Vital e Zé Piquete. Este último era um negrinho como era também Zé de Vital, filho de biscateiro, que apesar de sua humilde origem convivia com todos, bem integrado com os meninos ricos, sem que houvesse qualquer mostra ou segregação social. Entre as muitas peraltices desses adolescentes, ressalta-me à lembrança uma história que sucedeu com Zé Piquete, a qual narrarei a seguir, sucintamente. Esse jovem tinha em uma das nádegas uma ferida já há algum tempo e, embora recebesse os costumeiros cuidados da família, não havia pomada ou unguento que proporcionasse a sua cicatrização; vivia escorrendo matéria purulenta e chegava a exalar mau cheiro. Um dia, o grupo brincando de guerra com frutos de mamoneira que abundavam nos fundos das ruas, deram por acaso com um pé de pimenta

malagueta carregado de frutos já sazoados. Foi então que alguém teve a idéia genial, para não dizer macabra. Em cochichos numa trama conspiratória e diabólica, concordaram em fazer um emplasto com pimentas machucadas e colocar sobre a enfermidade do pobre Zé Piquete que havia sido excluído do conluio. Puseram, pois, mãos à obra. Machucaram um punhado de pimentas em uma folha de mamoneira e com cuspe empaparam as frutas maceradas. Sorrateiramente, pegaram o companheiro que havia também ajudado a manipular o preparado, sem de nada desconfiar, tiraram-lhe a calça e comprimiram-lhe sobre a ferida a gofda que haviam feito. A dor deve ter sido terrível, pois logo o moleque desmaiou. Diante disto, um dos arquitetos da idéia, apavorado disse: "matamos o negro, vamos embora". E saíram em carreira desabalada, deixando Zé Piquete desmaiado no local. Entretanto, se o sofrimento daquele desatino foi grande, tudo foi compensado pelo benefício: a ferida do jovem, com um mês, já estava cicatrizada.

Estes acontecimentos me foram narrados por meu pai, Enock Dantas, que fez parte do grupo acima referido, o qual já faleceu em 1996, aos 94 anos de idade. Zé Piquete, também já falecido, ainda o alcancei nas décadas de 40 e 50, fase de minha adolescência nessa cidade. Esse homem, já envelhecido, se tornou figura popular para os debiques de quantos gostavam de desdenhar da dignidade dos humildes, principalmente a molecada travessa e belicosa que ao vê-lo passar, simplesmente dizia: "Zé Piquete, tire o cadeado da mão!" Ou então, "Zé Piquete cagou na rede! Cagou que eu vi!" Isto era o bastante para desencadear a ira deste homem que com pedras na mão, ou outra arma que pudesse alcançar na hora, empreendia uma correria louca em busca daqueles que o haviam insultado, além dos palavrões e imprecações que ele articulava contra teus desafetos.

Desse modo, Zé Piquete atravessou a existência sem desfrutar um momento sequer de respeito à sua pessoa. Sempre viveu sobre insultos grosseiros e maliciosos, não somente da meninada, mais de muitas pessoas que a falta de caráter e dignidade ostentavam um comportamento sádico, vil e desumano contra uma pessoa para a qual à sorte foi mesquinha e adversa e a vida um fardo pesado que arrastou até os últimos dias de sua existência.

## MANÉ TOCO E OUTROS ALIENADOS

Distante cerca de 10 quilômetros da cidade de Cícero Dantas, na época Bom Conselho, encravado nas encostas da Serra do Tinguí, entre as regiões do Capitão e a Baixa da Barriguda, formou-se nos tempos da escravidão o Mocambo dos Cajés. Mesmo após a libertação, ali permaneceram algumas famílias de escravos, cujos descendentes congregam-se ainda em torno do clã mais importante: os Tobias.

O velho Tobias no início do século era o chefe do antigo Mocambo, onde vivia com outros parentes e criava a sua prole, composta pela sua esposa e mais cinco filhos, todos homens, que lhe ajudavam nas lides rurais e se chamavam, João, Antonio, Manoel, Hormínio e Maximiano. Entre estes destacava-se Manoel Tobias, negro elegante, namorado, festeiro e sobretudo educado, qualidades que reunidas lhe valeram um casamento com uma jovem branca e de família, que embora pobre, de boa estirpe. Viveram felizes por certo tempo e

ele a idolatrava com forças da alma e do coração; era um homem realizado, era um homem feliz. Entretanto, quis a realidade que a reciprocidade deste afeto imensurável não fosse verdadeiro. Parece que a sua amada, após o período transitório de adaptação para um casamento sólido e duradouro, despertou daquele sonho que foi mais uma quimera que se desfez ao sopro da desilusão, e, desencantada com tudo, começou a buscar a felicidade fora de casa, com outros pretendentes, com outros amantes, até por fim, abandonar definitivamente o vaidoso mais desditado Manoel Tobias.

Foi um golpe de morte para todos os membros da família que, embora pobres e descendentes de escravos, tinham dignidade suficiente para se envergonharem da situação, pois a honra da família era um cabedal sagrado e inatingível, que para defendê-lo sacrificariam, se preciso fosse a própria vida.

Foi uma catástrofe para todos. Porém, a formação religiosa, a força de renúncia e perdão permitiram a todos resignação diante da desdita que havia se abatido sobre eles. Com exceção de Manoel Tobias que, sem estrutura suficiente para resistir ao impacto, enlouqueceu completamente; focou doido varrido; não se tornou agressivo; passou a ser um ente inofensivo; um frangalho de dor e sofrimento; um nada dentro do ser; um sonho desmoronado no vórtice da extrema desgraça. Então, já em estado de idiotia total, cortou suas elegantes calças em forma de bermudas, as quais passou a usar costumeiramente. Juntou seus pertences em uma metade de lata de querosene cortada transversalmente, a qual lhe serviu de malote e sacola para as longas viagens que passou a empreender, sem rumo e sem destino, quando então passou a ser conhecido por "Mane Toco". Suas caminhadas se distanciavam cerca de 50 quilômetros ou mais de seu ambiente familiar. Perambulava por quase todo estado de Sergipe e grande extensão do sertão da Bahia e, às vezes, decorriam meses e até mesmo anos para que ele reaparecesse. Nos seus retornos não procurava a família, a se tornar um trapo humano, que chegou a desconhecer as suas próprias raízes.

Mane Toco faleceu já na década de 80, quando foi encontrado morto em mais uma de suas caminhadas lá para as bandas de Sergipe, com mais de 70 anos de idade.

Vivendo na mesma época de Mane Toco, outros alienados mentais ocuparam espaço no cotidiano da cidade de Cícero Dantas, onde se tornaram figuras patéticas ou folclóricas, umas pelas agressividade que ostentavam, outras pela mansidão, pelo modo pacato de se comportarem diante do seu drama. Assim podemos fazer referência a Maria Doida, em minha época já com seus 50 anos de idade. Na sua loucura, tornou-se tão exageradamente católica que praticamente morava na igreja e, quando esta se encontrava fechada, abraçava-se com o cruzeiro em frente ao templo e ali permanecia horas a fio, rezando e cantando; era pacífica, não incomodava ninguém. Sem família e sem teto, afora as horas que passava na igreja, simplesmente perambulava pela cidade, sem rumo e sem destino, exposta ao sol e à chuva, ao relento, cujo padecer só se igualava à sua própria insanidade. Comovido por tal situação, alguém, em um gesto humanitário e cristão, resolveu erigir um casebre no final da rua do açougue e doou a ela, o qual passou a ser o seu Lar-doce-lar. A pessoa que esboçou tanto desprendimento e que já passou para a mansão dos bem aventurados, foi o sr. José da Fonseca Soares mais

conhecido por Zé Rola, funcionário público aposentado, filho do sr. Tertuliano da Fonseca, capitão Rola, respeitável militar da Guarda Nacional e que era também esposo da tia Sinhá, que faleceu aos 103 anos de idade, em 2004 gozando de plena lucidez.

Marcaram época também na vida da cidade Nié e Pompílio; eram realmente rebeldes, agressivos e possessivos. Passavam o tempo em que estivesse em liberdade cometendo tropelias e tanto eram perigosos que seus familiares os mantinham acorrentados ou então encarcerados.

Fazendo menção a Sulu afirmamos ser este um louco apático, indiferente, de olhar perdido no nada; imperturbável e cordato; passava os dias, de porta em porta, pedindo água, com a qual lavava as mãos e o rosto, e seguia silenciosamente o seu caminho; se dizia ser da cidade de Cansansão, no estado da Bahia.

Outros loucos que também marcaram passagem pela cidade foram Zefa da Ilha e Joaninha da Limeira, mais conhecida como "a noiva", pois, desfilava invariavelmente trajando vestido branco, com véu, grinalda e buquê de flores; era inofensiva, assim como Zefa da Ilha, que permanecia louca, de bar em bar, tirando léria com todos os homens, até o dia em que alguém lhe engravidava; aí a loucura passava, voltava para casa e tudo recomeçava de igual forma após a gravidez.

Este é mais um retrato do atraso em que vivia a cidade de Cícero Dantas nas décadas de 40 a 60, onde o setor saúde não existia na prática e o poder público nada fazia de concreto para reverter a situação e os dramas de alienação tornavam-se rotinas que se integravam normalmente à vida da cidade.

## MARIA DO OVO

Na colina do "Peba", subúrbio de Cícero Dantas, lugar relativamente ermo, situado em terras devolutas, em cabanas miseráveis residiam algumas famílias de excluídos, tais como Chico Preso, Mane Preto, Zé Piquete, Maria do Ovo e outros mais que viviam de biscates e donativos da população. Dentre todos queremos ressaltar a pessoa de Maria do Ovo por ser ela a protagonista de uma vida que em vista



dos tabus e preconceitos da época levou uma existência extravagante e dissoluta enquanto jovem, para depois mergulhar em uma velhice de necessidades e solidão. Filha de família humilde, na juventude, deixou-se levar pelo fascínio muitas vezes utópico de uma vida plena de felicidades. Era uma jovem bonita, faceira e atraente; com estes dotes não encontrou dificuldades para ser cortejada por quantos lhe conheciam; entretanto, não encontrou entre todos que lhe pretendiam a chance de realizar um casamento que lhe desse amparo e tranqüilidade na vida.

Eis que o destino inexorável lhe reservou outros caminhos e naquela torrente de sonhos, naquele torvelinho de busca frenética da felicidade acabou se prostituindo. Esta era uma condição que os seus inúmeros pretendentes esperavam para saciarem o desejo reprimido de possuí-la sem o ônus de um matrimônio. Daí, Maria se deixou levar pelos caminhos insinuantes dos desatinos libidinosos; não parou mais e os anos correram céleres estigmatizando-a com as marcas indeléveis da velhice e, quando em 1947, passamos a residir em Cícero Dantas, Maria do Ovo era residente ainda em umas das cabanas miseráveis no Alto do Peba.

A velhice todavia para Maria não foi o fim de uma vida airada; tão logo se esgotaram aqueles assédios de sua clientela da quadra voluptuosa de sua existência ela passou a monitorar a iniciação de jovens entre 12 e 17 anos nas praticas sexuais, com todo o requinte de quem tinha cátedra formada no mister.

Dessa forma, ela não criou apenas uma escola de iniciação de neófitos, mas estruturou, de modo velado, um prostíbulo que lhe dava a subsistência, embora precária, mas que assegurava a experiência para os jovens iniciantes. A contrapartida de cada sessão era praticamente de um custo simbólico, desde quando a freqüência à cabana de Maria se realizava em grupo e cada um dos participantes colaborava com quinhentos réis ou um ovo de galinha; razão por que ela ficou conhecida como Maria do Ovo. Assim, a meninada antes de iniciar os rituais propriamente ditos realizavam um sorteio para estabelecer a ordem de entrada no antro desgraçado. Por incrível que pareça ela exigia de todos, ordem, respeito, cordialidade e discricão. Às vezes, alguém se excedia, queria mostrar competência e ao adentrar à cabana dizia: "Maria vamos logo f... E ela com a autoridade de quem sabia o que fazer, dizia:

- Que palavra feia é essa menino? A gente diz, "vamos servir ao homem!..."

é desnecessário dizer que todos aqueles que se iniciavam, geralmente voltavam ou com outro companheiro ou para repetir a aprendizagem anterior.

Assim, ela continuou operando por longos anos, espalhando a sua experiência para todos que necessitavam, de modo educativo e respeitoso, sem muitos riscos de contrair DST (Doença Sexualmente Transmissível), abrindo as portas da vida para futuros homens que por certo iriam reconhecer o papel importante que, com simplicidade, mas com critério desempenhou Maria do Ovo até os seus últimos dias de existência.

PEDRO GUNZA

Dentre as pessoas que apresentavam características excepcionais de caráter, comportamento e conduta, criando por estas razões vasta literatura em torno das peripécias que aprontava no seio da sociedade de Bom Conselho, teve lugar de destaque Pedro Gunza, que sem preocupação com a vida, sem compromisso e responsabilidade de qualquer modo ou espécie, era um inútil que semelhante a uma hera, vivia às custas da família que lhe sustentava com abrigo, alimentação, roupas e dinheiro para gastar como bem lhe provesses; era bonachão, extrovertido e espirituoso; farrista, freqüentador assíduo do meretrício da rua do Jatobá, onde se esbaldava nos pagodes ali realizados até o amanhecer do dia. Sua irmã, dona Júlia, que fazia também o papel de tutora, era esposa do senhor Aprígio Celestino Neves, abastado comerciante de tecido na cidade, que formavam um casal típico da classe média alta, sem problemas financeiros, com os quatro filhos estudando em colégios da capital, tangiam tranqüilamente a existência, dando ainda segurança a Pedro Gunza, como se filho pródigo fosse.

Entre os vários "causos" que este personagem protagonizou, alguns entraram para o folclore da cidade pelo seu conteúdo inusitado, rico em criatividade e muitas vezes em matreirice de um homem que a todos parecia ingênuo e pacato à primeira vista.

A propósito, lembro-me de um ocorrido que é sem dúvida um atestado de irresponsabilidade daquele cidadão. Aconteceu no dia em que sua mãe faleceu; tendo ocorrido o óbito pela madrugada e conforme os critérios usuais, o sepultamento deveria ocorrer durante a tarde e, para tanto, urgia encomendar a confecção do féretro logo pela manhã, já que na época não havia casa funerária que vendesse caixões já prontos. Assim, dona Júlia, por falta de outro portador, chamou Pedro Gunza e lhe recomendou que fosse urgente à marcenaria do senhor João Tumba e encomendasse o caixão conforme as medidas fornecidas e avisasse que o enterro seria às quatro horas da tarde, a fim de não haver atraso na entrega da encomenda. Recomendações feitas e portador na estrada; o velório teve início com suas ladainhas monótonas e dolentes; o entra-e-sai de amigos e parentes cada vez mais se adensava na casa dos Neves com os pêsames e condolências de praxe; a manhã começa a envelhecer, aproxima-se o meio-dia e Pedro Gunza não aparece para certificar a família que as providências de sua responsabilidade foram tomadas; impaciente pela falta do irmão, Dona Júlia despachou outro portador, seu filho Hélio, para saber do marceneiro que horas a encomenda ficava pronta e também localizar o paradeiro de seu irmão; Hélio, que conhecia perfeitamente o tio e os lugares prováveis em que ele poderia se encontrar, não perdeu tempo e no seu trajeto passou logo pela rua do Jatobá e qual não foi a sua surpresa ao passar pela porta do cabaré de Carminha, quando localizou seu tio se rebolando no meio do pagode, num frenesi estonteante, como se aquele momento fosse o último de sua vida.

Consciente da irresponsabilidade que sempre caracterizou os atos de seu tio, Hélio resolveu chamá-lo para certificar-se dos fatos

que à primeira vista já era provável, então lhe interpelou:

- Tio você fez a encomenda do caixão?

E Pedro Gunza com ares de naturalidade diante de um problema que no seu entender absconso não deveria ser tão grande assim, respondeu:

Ora, Hélio, passei aqui para me divertir um pouquinho e me esqueci que mamãe morreu; mas juro pra você que vou lá em João Tumba e ele resolve este problema até amanhã; e num gesto de quem acha que tudo está bem, voltou tranqüilamente ao pagode.

Hélio então resolveu tomar todas as providências para que fosse viabilizada a confecção do caixão, com urgência para que o cadáver fosse sepultado ainda naquele dia, embora fora da hora prevista.

Assim, Pedro Gunza continuou fazendo trapalhadas até o fim de sua vida.

#### UM PRESENTE DO OUTRO MUNDO

Há muito tempo, até a década de 40 mais ou menos, quando as casas bancárias só existiam quase que só nas capitais, guardar alguma poupança amealhada com sacrifício através dos tempos era uma temeridade, principalmente na região nordestina compreendida entre os estados da Bahia e do Rio Grande do Norte, área de atuação dos bandos de Lampião, que viveram no final do século passado, até a década de 30 desse século, os quais eram combatidos pelas volantes, que eram grupos de militares, destacados para perseguir aqueles marginais, mas que, em atrocidades e pilhagens, as vezes superavam ao próprio Lampião.

Esses grupos armados surgiam de repente em fazendas, vilas e cidades, onde roubavam, espancavam, matavam e praticavam toda forma de atrocidades contra aqueles que eles supunham possuir dinheiro ou outros bens de valor e que lhes negavam possuir.

Muitas pessoas, a fim de preservarem as suas economias, as enterravam dentro de casa ou em lugar próximo que lhe garantisse segurança e tranqüilidade. O problema surgia somente quando essas pessoas morriam, deixando dinheiro enterrado. Era crença popular,

que a alma do falecido não teria no além-túmulo paz e salvação enquanto não aparecesse a algum amigo e lhe pedisse para desenterrar aquele bem, que era chamado de botija, quando, para tanto, era indicado o local, dia e hora determinados para a realização do serviço, para os católicos um ato de fé e piedade cristã. O agraciado se tornava dono do que havia encontrado na Botija e, quando muito, mandava celebrar uma missa em ação de graças pela salvação da alma daquele seu benfeitor.

Lembro-me, quando menino, morando na Fazenda Quixaba, de propriedade de meus avós, juntamente com meus pais e irmãos, os serões familiares ali eram entremeados de estórias de Lampião, lobisomem, mula-sem-cabeça e sobretudo de botijas que deixaram muitas pessoas ricas quando tiraram a sorte de serem escolhidas pelas almas dos defuntos amigos.

Entre as muitas histórias ouvidas nos meus tempos de menino, na velha fazenda, escolhi a que segue para integrar o elenco de casos que irão compor o presente livro, por considerá-la a que mais impressão do sobrenatural me deixou gravada, de maneira indelével em minha lembrança.

Felisberto Ferreira, mais conhecido por seu Beto da Baixa, cognome que com certeza provinha da localidade em que residia, era homem respeitável, remediado de posses, honesto e conservador como todo sertanejo que se preza.

Pouco mais distante, próximo à Fazenda Quixaba, morava em outra propriedade o senhor João Almeida, conhecido por todos como "seu Almeida", onde desenvolvia suas atividades agropecuárias, de onde tirava o sustento seu e de sua família. O senhor Almeida e o senhor Bento da Baixa eram amigos, conhecidos de longas datas; eram na verdade algo mais que isso, eram compadres de batismo de filho, laço este que estreitava qualquer família a termo de parente. E, nesta comunhão, ambos viveram amistosamente, por longos e longos anos.

Eis porem que o senhor Almeida, já velho e cansado pelo peso dos anos, veio a falecer. Seus filhos, independentes e senhores de suas vidas, já fixados em outras localidades, cuidaram em se desfazer da velha propriedade, quando levaram também a viúva, que sozinha aceitou viver com os filhos.

E o tempo se passou. Dias, meses e a lembrança de seu Almeida ia ficando cada vez mais distante na memória de todos. Entretanto, certo dia de domingo, quando seu Beto voltava da feira do povoado Betânia, à hora do Ângelus, a pouca distância dali, em uma curva do caminho, depara-se com o senhor Almeida, ou melhor com a sua alma, segundo o que se crê. Causou-lhe espanto, naturalmente, aquela aparição. Entretanto, como homem de determinação e crente fervoroso das coisas divinas, saudou o compadre amistosamente, dizendo:

- Oi compadre Almeida! O que vosmincê ta fazendo ai estas horas?
- Não repare não compadre Beto, disse-lhe seu Almeida, eu vim lhe pedir uma graça...
- Pois diga homem de Deus o que eu tenho de fazer?
- Vosmincê vai tirar uma botija que enterrei la na casa velha onde morei...
- Pra quando é isso compadre? Inquiriu seu Beto.
- No tempo certo eu venho avisar, respondeu-lhe o compadre.

Então o vulto de senhor Almeida desapareceu de repente e seu Beto prosseguiu em sua viagem de volta para casa. Dias se passaram sem nenhuma novidade e seu Beto já estava considerando aquele compromisso como uma visão que havia tido em face do cansaço próprio da idade.

Certo dia, porém, voltando mais uma vez do povoado Betânia, às mesmas horas de costume, no mesmo local anterior, estava lá, à beira do caminho, o senhor Almeida à sua espera, e foi logo lhe dizendo:

- É hoje compadre, o dia em que vosmincê vai me dar a salvação... e o seu Beto respondeu:

- Então vamos lá compadre...

Neste momento, ele sentiu que a sua montaria recebeu um peso adicional em sua garupa, mas não se perturbou e seguiu tranqüilo para a velha fazenda, distante dali cerca de 8 quilômetros. Após uma caminhada de mais de uma hora, chegou ao local determinado para o cumprimento de sua tarefa. Assim que parou sentiu que sua montaria havia se libertado de alguma carga que não era a dele próprio. Logo em seguida o senhor Almeida reapareceu à sua frente e então seu Beto, sem mais delongas, lhe perguntou:

- Diga pois compadre o que eu tenho de fazer?

Então seu Almeida passou a lhe dizer quais os procedimentos que havia de tomar.

- Vosmincê pode empurrar a porta que só está encostada. Entre, e logo vai ver no canto da sala uma réstia da lua no chão, onde tem dois tijolos com uma pedra em coma; retire tudo e cave que vosmincê vai encontrar um pote com todas as minhas coisas de valor. Leve para o senhor, mande celebrar uma missa para mim e faça caridade quando puder, com o que lhe sobrar.

Seguindo as instruções do compadre, o seu Beto não encontrou dificuldade para localizar a botija, e logo estava com o pote desenterrado e a caminho de casa. Antes porém ao sair da casa velha, ainda teve que ouvir os agradecimentos do compadre falecido, cujo abraço declinou com respeito e prometeu cumprir as suas recomendações, após o que nunca mais se encontrou com o compadre.

#### SANTA CREDULIDADE OU MATREIRICE

Nos tempos em que o senhor Chiquinho Vieira comandava a política em Cícero Dantas e tinha como braço direito no assessoramento e coordenação do seu colégio eleitoral a filha dona Avelina, a sua residência, principalmente nos dias de feira, parecia um lugar de romaria, para onde acorriam os eleitores e amigos da família, a fim de tratarem de algum negócio, geralmente solicitação de favores. Entre estes haviam os mais íntimos, muitos deles compadres do clã político, que ali se arranchavam, comiam e faziam algum serviço caseiro, enquanto conversavam preferentemente com dona Avelina sobre os acontecimentos recentes de sua região e até mesmo fofocas e outras amenidades.

Nesse círculo de amizade, os senhores Zequinha da Cotia e dona Zefinha, sua esposa, eram dos mais chegados. Além de eleitores fiéis, eram compadres e amigos de confiança de longas datas daqueles chefes políticos. Dia de feira, seu Zequinha e Dona Josefa logo cedo chegavam à casa do Sr. Chiquinho Vieira; apeavam-se,

amarravam o cavalo ao pé de eucalipto em frente à residência e, sem cerimônia, lá iam de casa adentro, com a desenvoltura de velhos amigos da família como o eram. Seu Zequinha após dois dedos de prosa, como eles diziam sobre uma conversa rápida, demandava para o comércio, a fim de se abastecer dos gêneros de primeira necessidade e tratar de outros negócios; enquanto isto, dona Zefinha se aboletava na cozinha ajudando dona Avelina a preparar o almoço e arrumar a mesa, enquanto o papo rolava em torno das notícias mais recentes. Assim, essa rotina se repetiu por muitos anos, até que um dia veio a triste notícia do falecimento do senhor Zequinha, deixando sua respeitável esposa e filhos na orfandade.

Em que pese este infortúnio, dona Zefinha não se deixou abater e passou a enfrentar a vida sozinha com coragem e determinação. A amizade com seus compadres políticos seguiu seu curso normal, com que privava da mesma intimidade e confiança que sempre foi depositária. O tempo passou; a lembrança de seu Zequinha já era uma saudade amena e suave e tudo havia voltado a seguir a ordem natural das coisas. Eis que de repente, durante o bate-papo costumeiro das segundas feiras, dona Avelina, por acaso, olhou fixamente para a comadre e com ar de admiração, misto de censura e incredulidade assim falou:

-Comadre Zefinha! Não acredito no que estou vendo... Nunca pensei que a senhora depois de dois anos que meu compadre faleceu aparecesse aqui com o bucho deste tamanho, com a maior naturalidade da vida, como se nada tivesse acontecido! Me conte esta estória direito Comadre.

- Ah Comadre, eu nem lhe conto!... Como a senhora sabe, desde os tempos em que Zezinho era vivo, todo domingo o compadre Floro ia prosear lá em casa e depois que meu marido se foi ele não fez diferença, continuou nos visitando, quando aproveitava para dar alguma orientação nos negócios. Um dia, porém, uns quatro meses atrás, em uma dessas visitas, ele passou a tarde toda sentado numa cadeira perto da janela e assim passamos o tempo conversando até que ele resolveu ir-se embora já à tardinha. Parece, Comadre, que foi uma tentação; na hora que ele levantou-se e saiu, imediatamente me sentei na cadeira quente dele; quando me lembrei do perigo que estava correndo já foi tarde demais. Agora é chamar por Deus minha comadre...

Diante de uma explicação tão convincente, dona Avelina achou por bem dar o assunto por encerrado, desejando apenas um parto bem-sucedido para a comadre que se julgou totalmente justificada e entendida no assunto.

Quero deixar claro que esta é mais uma história fantasiosa de nosso dia-a-dia popular no salutar convívio de Cícero Dantas. Há de ter ocorrido sem dúvida algo sobre o que foi narrado, pois a santa ignorância de nosso sertanejo dá como certa a gravidez para a mulher que se senta na cadeira aquecida por um homem.

Finalmente quero acrescentar que sobre o que foi narrado aqui não há registro histórico nem depoimentos dos protagonistas; tudo se restringe a notícias orais, que passam de boca em boca e que se não registradas conforme já afirmei antes, desaparecerá no vórtice do tempo.

Então, procuro dessa forma preservar estas riquezas populares para

que nossos pósteros conheçam melhor as suas origens.

## OS MILAGRES DA FÉ

Diz o adágio popular: "A fé remove montanhas". É uma verdade profunda o que está contido nesta afirmação. Exemplos existem muitos e todos nós, pelo menos uma vez na vida testemunhamos algum fato sumamente inusitado, ilógico e inexplicável, que somente a força criadora da fé poderia gerar. Não quero aludir aqui aos prestidigitadores, mágicos e ilusionistas, mas àquelas pessoas que através de reza operam verdadeiros milagres que a própria Ciência torna-se vacilante no que diz respeito a uma explicação convincente e cientificamente aceita.

Falando pois, nos milagres que a fé opera através de rezas e benzeduras, faço aqui referência à mais famosa rezadeira e benzedeira que o povo de Cícero Dantas e regiões circunvizinhas teve oportunidade de conhecer; refiro-me à Duninha de João Marciano; era uma rezadeira nata; cônica da eficiência de suas rezas, colocou acima de suas obrigações familiares o dever de socorrer aqueles que buscavam na sua ajuda um recurso para a solução de seus problemas; por isso, em qualquer situação que um enfermo se encontrasse, primeiramente se chamava Duninha, fosse para estancar hemorragia de algum ferimento, amenizar, tirar mau-olhado, aplacar a fúria de algum louco, ou ainda amainar ventos, tempestades e furacões, as suas orações infalíveis para a serenidade de todos os males ou fenômenos.

Ainda quando menino, morando na fazenda Quixaba, propriedade de meus avós, Duninha e sua família residiam em outra fazenda nas proximidades e como bons vizinhos as nossas famílias mantinham relações bastante amistosas com aquela gente.

Lembro-me que certa vez, meu tio Camilo feriu-se profundamente na face com um machado quando tentava desgalhar uma árvore; seguiu-se ao acidente uma hemorragia aguda que sem os recursos médicos que eram inexistentes naquela época, era de se prever que sua falência orgânica por anemia aguda seria inevitável; foi então que se recorreu aos préstimos de Duninha, a qual, solícita e sem perda de tempo demandou para a residência de meu tio e lá chegando, deu início às suas orações e não decorreu muito tempo o sangue estancou de repente para admiração e alegria de todos; é dispensável dizer que o restabelecimento dele, a partir daí, se efetuou até a cura total, gradativamente e sem maiores incidentes, com o auxílio de mezinhas caseiras prescritas pela rezadeira.

Anos depois, quando já residíamos em Cícero Dantas e por acaso a família Marciano também, eu possuía um cão policial, animal de

estimação e guardião da casa e da família que, certo dia, durante a sua alimentação engasgou-se com um osso de galinha e por mais tentativas que houvésemos feito não foi possível desengasgá-lo; já decorriam três dias de agonia nossa e do animal que sem se alimentar começou a definhar e a enfraquecer ao ponto de não mais se levantar; estava inevitavelmente condenado à morte. Eis que por milagre ou coisa parecida Duninha passou em nossa casa quando então disse-lhe da nossa tristeza com tão fatídico ocorrido e ela simplesmente disse:

- Com os poderes de Deus e da Virgem Maria o seu cachorro não vai morrer...

Então, virando-se para o animal que agonizava a um canto da varanda, persignando-se, articulando algumas palavras inaudíveis, orou por algum tempo e após recomendou que lhe preparasse comida pois logo ele iria se alimentar. E, algum tempo depois, milagrosamente, pois só podia ter havido um milagre, o cão levantou-se, tossiu convulsivamente e em seguida o osso foi expelido e ele sobreviveu por muitos anos depois.

Outros casos simplesmente extraordinários ocorriam geralmente aos dias de domingo quando os marchantes (abatedores de reses) traziam seus animais para serem abatidos e comercializados no dia seguinte quando ocorria a feira popular do município. Não raras vezes ao adentrarem a rua de Geremoabo, que dava acesso ao matadouro, os bois, naturalmente perturbados com a algazarra da meninada tornavam-se indóceis e agressivos, obrigando todos fecharem suas portas ou se abrigarem em lugares seguros; era uma gritaria geral; era uma festa apoteótica para a gurizada; porém, algumas vezes, aquela agressividade divertida e festiva transformava-se em fúria indomável ao ponto de os vaqueiros se tornarem incapazes de conduzir o bovino ao curral. Então, procurando ajudar aqueles pobres vaqueiros Duninha chegava até a janela de sua casa, persignando-se como sempre o fazia, voltando-se para o animal indômito iniciava as suas orações e num momento lá ia a rês puxada através de uma corda pelo vaqueiro como se fosse um cordeirinho criado no quintal. A festa acabava, mas ficava a admiração e o respeito de todos por aquela mulher que colocava acima de tudo as energias positivas de sua mente e a fé inabalável de suas convicções.

Como as histórias acima, poderia eu narrar dezenas de outras semelhantes, em que a interferência de Duninha foi decisiva para um final feliz. Entretanto, preferi fazer menção somente a três casos por serem mais ligados à minha pessoa e das quais sou testemunha.

Esboçando lucidez, esta baluarte de fé ainda vive; embora um pouco decrépita, conserva ainda a firmeza de caráter que marcou a sua vida. Entretanto, a sua missão não chegou ao fim porque as suas orações foram ensinadas a uma de suas filhas - Isabel - que, por fatores inexplicáveis herdou-lhe as mesmas crenças e a mesma força espiritual da fé.



## UM HOMEM DE FIBRA

Pombos é uma pequena região que conglomerava algumas propriedades rurais, distando cerca de seis quilômetros de Cícero Dantas, ficando quase encravada nas fraldas dos Montes do Boqueirão. Em uma dessas propriedades, mais conhecida como fazenda Pombos, residia, e da qual era proprietário o senhor Cirilo, homem de classe média que tocava a vida sem muito aperto financeiro; rústico conservador, austero e resoluto, o senhor Cirilo impunha-se ao respeito e consideração de quantos o conhecia pela firmeza de caráter e franqueza de ações e dentro desse conceito moral estruturou a sua família e viveu sem maiores problemas no seio da sociedade da qual era partícipe.

Ruralista por tradição, passava o dia amanhando a terra ou cuidando do seu pequeno rebanho, atividades que lhe asseguravam a manutenção da propriedade e uma sobrevivência condigna de sua prole, a qual colocava acima de tudo e para sua preservação estava sempre disposto a enfrentar qualquer sacrifício.

Essa fazenda era margeada em toda sua extensão pela estrada real que liga Cícero Dantas à cidade de Jeremoabo-Ba. Assim sendo, vê-se logo que é uma rota bastante transitada e, como tal, as fazendas localizadas às margens de estradas assim são muito solicitadas para prestação de informações, fornecimento de água e de ajudas várias aos transeuntes.

Certo dia, estando o senhor Cirilo a cultivar sua roça bem próximo à margem da estrada, ouviu vozes de dois cavaleiros que passavam conversando alegremente, quando de repente um deles disse:

- Vamos bater dois dedos de prosa com as meninas de seu Cirilo dos Pombos?

- Vamos, disse o outro. Mas com que motivo vamos chegar lá?...

- Ora, retrucou o primeiro. A gente pede água...

- Vamos então, aquiesceu o segundo cavaleiro.

E assim seguiram viagem com o propósito de passarem na residência do senhor Cirilo, que os acompanhou por dentro da propriedade, chegando em casa simultaneamente com os visitantes.

Então, quando os rapazes bateram palmas e falaram "Ô de casa", senhor Cirilo com muita cordialidade os cumprimentou com um bom dia e perguntou-lhes se desejavam alguma coisa.

Diante disso um deles se adiantou e falou:

- estamos apenas de passagem Seu Cirilo. Queremos porém que o senhor nos oferecesse um copo d'água.

Sem perda de tempo seu Cirilo virou-se para dentro de casa e gritou:

- Meninas!... Tragam água para os rapazes!

Logo as moças chegaram com bastante água para os sedentos.

Ato contínuo o primeiro jovem foi servido com um copo d'água bastante cheio que após dois ou três goles fez menção de entornar o restante do conteúdo, mas foi interrompido pelo seu Cirilo que desafiadoramente falou:

- Não jogue a água no mato... Se vocês passaram aqui com sede vão ter que beber de qualquer forma a água que pediram ou então, vão ter que bater dois dedos de prosa comigo!

É dispensável dizer que os viajantes saíram da fazenda com o estômago estourando de água e nunca mais se atreveram a voltar à fazenda Pombos.

## EPÍLOGO

Quando decidi escrever as "Reminiscências de Bom Conselho", tive em mente o propósito de registrar fatos e acontecimentos de uma época, para que a geração presente tivesse alcance às ocorrências do passado e, conseqüentemente, à história de sua terra natal, que embora, sem uma cronologia rigorosa, contém um esboço sumário de vários aspectos, sobretudo histórico, social, lendário e folclórico da terra e do povo. É uma obra modesta, sem outras pretensões, a não ser criar subsídios, ampliando o campo de conhecimento de quantos assim como eu, desejam fazer incursões ao passado da sociedade em que vivemos.

Naturalmente, os assuntos que foram tratados no presente livro representam sem duvida, uma pequena parte da historia de Bom Conselho e seria leviandade minha sonhar esgotá-los. O acervo histórico que abarca desde os primórdios da civilização do município até nossos dias é extenso e variado, carecendo pois, de maior estudo, pesquisa e dedicação, não podendo se enfeixar num livro que se propôs apenas a narrativas esparsas e sem uma metodologia pré-determinada.

Em que pesem estas considerações, o que aqui foi feito já é meio caminho andado para um projeto mais ambicioso, mais amplo, mais abrangente, envolvendo assim, mais mobilização de tempo e capital, desde os prolegômenos indispensáveis até as providencias finais para a conclusão da proposta planejada.

Espero então, que esta singela e despretensiosa obra venha suprir algumas lacunas na memória histórica do município e, que outras iniciativas assim, sejam efetivadas, para que um dia possamos ter no currículo escolar, para todos os estudantes, aulas sobre a Historia de Bom Conselho, o que naturalmente trará nova postura para a mentalidade da juventude, que se tornará ufana, por ter nascido em uma terra, cujo passado somente orgulha e enobrece os seus filhos.

Assim, agradeço a Deus pela inspiração que me foi dada quanto à disposição de escrever "Reminiscências de Bom Conselho", o que muito me envaidece e completa o meu orgulho por ser partícipe da

História dessa gente, procurando por todos os meios, preservá-la e difundi-la à medida de nossas possibilidades e conhecimentos para a sua perpetuação.

O Autor.

#### BIBLIOGRAFIA

- 01- IBGE- Agência Municipal de Estatística Anuário Estatístico.
- 02- Ferreira, Monsenhor José Elias - Livro de Tombo - Igreja Matriz de Cícero Dantas.
- 03- Gonçalves, Osvaldo Sales - Cícero Dantas 100 Anos - 1975.
- 04- Entrevista popular na cidade de Cícero Dantas.
- 05- A convivência deste narrador por quase 40 anos com o povo da Região.
- 06- Cunha, Euclides da - Os Sertões - Livraria Francisco Alves, Rua do Ouvidor, 166 Rio de Janeiro-RJ

#### INDICE

Reminiscências de Bom Conselho - ano - 2008

PAGE

PAGE 132  
Gildo Dantas de Souza

